

UNIVERSIDADE PAULISTA

MANUELA FLAIG

A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

e a liberdade de ser quem é na terceira idade

SÃO PAULO

2017

MANUELA FLAIG

A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

e a liberdade de ser quem é na terceira idade

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de pós-graduação em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas apresentado à Universidade Paulista – UNIP.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Eliana Fausto
Coorientadora: Prof.^ª Esp. Bárbara Schelble

SÃO PAULO

2017

MANUELA FLAIG

A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

e a liberdade de ser quem é na terceira idade

Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de pós-graduação em
Pedagogia da Cooperação e Metodologias
Colaborativas apresentado à Universidade
Paulista – UNIP.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/____/____

Prof.^a. Especialista Eliana Fausto
Projeto Cooperação

_____/____/____

Prof.^a Especialista Bárbara Schelble
Projeto Cooperação

_____/____/____

Prof. Ms. Fabio Otuzi Brotto
Projeto Cooperação

Flaig, Manuela.

A Pedagogia da cooperação e a liberdade de ser quem é na terceira idade / Manuela Flaig. – 2017.

79 f. : il. color., figuras, fotografias, tabelas.

Trabalho de conclusão de curso (especialização) apresentado à pós-graduação *lato sensu* da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Pedagogia da cooperação.

Orientador: Prof.^a Eliana Fausto.

Coorientador: Prof.^a Barbara Schelble.

1. Pedagogia da cooperação. 2. Terceira idade. 3. Envelhecimento. 4. Bem-estar. I. Fausto, Eliana (orientador). II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico essa experiência as minhas antepassadas que me deixaram, através de minha mãe, tanto ensinamento, determinação e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso grupo de mulheres da terceira idade da Casa de Convivência Padre Velloso que possibilitou a realização dessa pesquisa.

Aos funcionários do Polo de Inclusão Social Padre Velloso por emprestarem o espaço para realização do trabalho e por darem visibilidade e oportunidade de lazer as pessoas da terceira idade que frequentam a instituição.

À nossa orientadora Eliana pela autonomia e respeito ao nosso tempo de organização em relação à aplicação do trabalho de conclusão.

A nossa co-orientadora Bárbara por ter estado na nossa imersão e compartilhado sua experiência na aplicação do TCC

Aos amigos e amigas que ouviram nossos relatos após cada encontro com o grupo e nos motivaram a continuar.

" Ando devagar por que já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais."

(ALMIR SATER)

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo verificar como a Pedagogia da Cooperação possibilita conhecer indivíduos da terceira idade de uma casa de Convivência e fomentar o diálogo sobre as relações, sonhos e bem-estar dessa geração. Para isso, foi necessário pesquisar sobre terceira idade principalmente o envelhecimento e bem-estar, bem como refletir sobre a liberdade que existe nessa fase da vida. Em termos de métodos, foram realizadas, em uma primeira etapa, uma anamnese para melhor conhecer o grupo e entender como os encontros se dariam. Posteriormente foi realizada uma pesquisa-ação, através da aplicação da Pedagogia da Cooperação com as participantes que compoariam o grupo. Por fim, foram realizadas entrevistas com as participantes com objetivo de coletar impressões sobre a experiência no percurso das 7 práticas. Identificou-se que a Pedagogia da Cooperação é uma ferramenta poderosa e capaz de aproximar as diferentes gerações.

Palavras-chave: Pedagogia da Cooperação. Terceira idade, envelhecimento e bem-estar

ABSTRACT

The purpose of this paper was to examine how Pedagogy of Cooperation makes it possible to get better acquainted with senior citizens in a community center as well as promote a dialogue about the relationships, dreams and well-being of that generation. In order to do so it was necessary to explore concepts and ideas regarding elderly people, the generation 60+ and – in particular – to think about issues like getting older and well-being. Furthermore, our group reflected upon a certain freedom that this phase contains. In the first phase of our work an observation of the group and an analysis was carried out in order to get a better understanding of the group and make it easier to plan and conduct the meetings. Later, by applying Pedagogy of Cooperation, we conducted a field study involving the above mentioned group of senior citizens. Finally, interviews with the participants took place in order to collect their experiences throughout the seven stages of the method of Pedagogy of Cooperation. Pedagogy of Cooperation was identified as an influential tool that is capable of bringing different generations closer together.

Keywords: Pedagogy of Cooperation. Strengthening Bonds. Parents and Children.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	15
<hr/>	
2. ENVELHECIMENTO NO BRASIL	18
2.1 ENVELHECIMENTO, VELHICE E TERCEIRA IDADE	19
<hr/>	
3. A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO	22
3.1 PRINCÍPIOS	22
3.1.1 PRINCÍPIO DA CO-EXISTÊNCIA	22
3.1.2 PRINCÍPIO DA COM-VIVÊNCIA	23
3.1.3 PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO	23
3.1.4 PRINCÍPIO DA COMUM-UNIDADE	25
3.2 PROCESSOS	26
3.2.1 JOGOS COOPERATIVOS	26
3.2.2 DANÇAS CIRCULARES	27
3.2.3 DIÁLOGO	27
3.2.4 WORLD CAFÉ	28
3.2.5 INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA	28
3.2.6 MUSICOOPERAÇÃO	28
3.3 PROCEDIMENTOS	29
3.4 PRÁTICAS	31
3.5 INDICADORES DE COOPERAÇÃO	33
<hr/>	
4 APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO	35
4.1 METODOLOGIA DE PESQUISA	35
4.2 O LOCAL DA PESQUISA: A CASA DE CONVIVÊNCIA PADRE VELOSO	36
4.3 O GRUPO PESQUISADO: AS MULHERES DA CASA DE CONVIVÊNCIA	37
4.4. IMERSÃO: APLICAÇÃO DAS 7 PRÁTICAS NO GRUPO DE PESQUISADORAS	37
4.4.1. A CHEGADA	37
4.4.2. COM-TATO	38
4.4.3 COM –TRATO	39
4.4.4 INQUIETAÇÕES	39
4.4.5 ALIANÇAS E PARCERIAS	41
4.4.6 SOLUÇÕES COMUNS	42
4.4.7 CELEBRAÇÃO	43
4.5 A APLICAÇÃO DOS ENCONTROS TRANSFORMADORES	44
4.5.1 PLANILHA DOS ENCONTROS TRANSFORMADORES	54
<hr/>	
5. ANÁLISE DOS ENCONTROS TRANSFORMADORES	71
5.1 RELAÇÃO DAS PESQUISADORAS NA APLICAÇÃO DAS 7 PRÁTICAS	72

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**REFERÊNCIAS**

1. INTRODUÇÃO

Sempre encantei-me com o potencial que a educação tem de transformar pessoas, grupos e sociedades, especialmente, os modelos não tradicionais que pesquisei e vivenciei, como formas de encontrar melhorias para a educação. Dessa forma, pedi uma licença do meu serviço como professora do ensino fundamental na escola em 2017 para poder estudar mais sobre outras formas de educação e desenvolvimento humano. Para poder desenvolver a minha própria capacidade cooperativa e dedicando-me a um “co-living”, uma casa coletiva com 10 pessoas, onde moro.

Incomoda-me o modelo de educação bancária com foco no conteúdo e no formato em que uma pessoa ensina e as outras aprendem. Educação essa que ignora experiências, o contexto social e a visão particular de cada pessoa. Educação que ensina matérias separadas ao invés dos fenômenos em toda a sua complexidade. O objetivo dessa educação bancária são as provas, o vestibular, os processos seletivos e não a cidadania e o bem-estar na vida. Conteúdos como autoconhecimento, valores, propósito, inteligência emocional, cidadania, inclusão e diversidade, sustentabilidade, ética, artes, música e teatro não fazem parte do projeto pedagógico ou são pouco contemplados. Essas reflexões fizeram-me tirar um momento para poder repensar o meu caminho profissional e para poder estudar mais e ampliar a minha visão.

Na Pedagogia da Cooperação, nas metodologias colaborativas e na profissão da facilitação, encontrei formatos diferentes e inovadores que fazem mais sentido para mim. Nessa educação em que todos são mestres e ao mesmo tempo aprendizes, em que posso e devo utilizar diferentes recursos para contemplar diferentes pessoas e inteligências, uma educação que facilita o acesso das pessoas à inteligência coletiva - uma inteligência compartilhada que surge da colaboração de indivíduos em suas diversidades - oriunda da biografia, do contexto social, das experiências e cosmovisão individuais. Uma educação em que as pessoas são realmente consideradas, ouvidas, em que há empatia, não julgamento, humildade, abertura para compartilhar, integridade,

plena atenção (foco no aqui e no agora), participação ativa no ouvir e falar, desapego, e aprendizado com cada um e com todos. Brotto confirma isso, dizendo:

“[...] o propósito essencial da Pedagogia da Cooperação é criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa VenSer plenamente quem É para poder SerVir mais completamente ao bem comum.” (BROTTO, 2016)

De acordo com Riane Eisler (EISLER, 2018) é um processo de resgatar a cooperação tão natural ao humano e essencial à vida em harmonia e em comunidade.

Para mim, foi um fator de motivação adicional que eu podia experimentar-me num contexto fora da escola e com um grupo de adultos. Quis experimentar um modelo alternativo de desenvolvimento humano para poder acreditar de novo que a transformação acontece através da educação, pela transformação das relações em qualquer ambiente (relação consigo mesmo, com o outro, com o grupo e com a comunidade).

O presente trabalho é resultado de duas parcerias fundamentais: entre a Universidade Paulista (UNIP) e o Projeto Cooperação – idealizador da proposta acadêmica em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas. A pesquisa foi realizada numa perspectiva de construção de conhecimento coletiva por Ana Laura Macedo, Marilucia do Espírito Santo, Marcia Valentim e eu, Manuela Flaig, que, com a mesma motivação de pesquisa – mulheres – realizamos a aplicação do trabalho de conclusão de curso conjuntamente.

O presente trabalho é, então, um convite para se olhar com maior profundidade para as mulheres “da melhor idade”, buscando identificar as contribuições da Pedagogia da Cooperação para unir as gerações e buscar entendimento de quais são os sonhos, medos e como se relacionam as mulheres nessa fase da vida.

Para a fundamentação deste estudo, foram realizadas pesquisas teóricas, por meio de levantamento bibliográfico de obras relacionadas aos temas em questão. Quanto à verificação dos resultados, entrevistamos as

mulheres no fim do percurso das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação. Para isso, o presente trabalho foi estruturado em capítulos, da seguinte forma:

§ No capítulo 2 conceituamos a terceira idade enfatizando o envelhecimento e o bem-estar dessa fase da vida;

§ O capítulo seguinte, o 3, apresenta a Pedagogia da Cooperação, com foco voltado para as sete práticas que foram aplicadas no grupo de estudo;

§ O Capítulo 4 aborda a aplicação prática da Pedagogia da Cooperação no grupo de mulheres da Casa de Convivência Padre Veloso. Nessa seção, é apresentada em maior profundidade a metodologia que foi utilizada;

§ No Capítulo 5, são apresentados os resultados do estudo, a partir dos fatos observados durante os encontros e dos depoimentos. Nesta seção abordamos, ainda, as nossas impressões sobre a Pedagogia da Cooperação a partir da experiência vivenciada com a terceira idade.

§ O Capítulo 6 apresenta as considerações finais.

Desejamos uma boa leitura e que os resultados apresentados possam fomentar reflexões sobre as potências, ainda invisíveis do “Ser” mulher na terceira idade.

2. ENVELHECIMENTO NO BRASIL

O envelhecimento populacional é um fenômeno global e está associado ao aumento da expectativa de vida das pessoas e da redução nos índices de natalidade.

Seguindo o mesmo fluxo, as mudanças demográficas apresentam o Brasil como um país que envelhece. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 apontava o número de 14 milhões de idosos. Estimativa populacional em 2007 já indicava o número de 17 milhões. Em setembro de 2017 o IBGE divulgou mais uma estimativa que indica que hoje temos aproximadamente 26 milhões de pessoas acima dos 60 anos. De acordo com projeções do órgão, essa parcela da população dobrará, em 2027, chegando aos 37 milhões de idosos.

Ainda de acordo com os dados do IBGE, foi verificado um maior contingente de mulheres idosas, se comparadas com homens de mesma faixa etária. A relação entre gênero e envelhecimento baseia-se nas mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e nos acontecimentos ligados ao ciclo de vida. Dessa forma, a maior longevidade feminina implicaria transformações nas várias esferas da vida social, uma vez que o significado social da idade está profundamente vinculado ao gênero.

No que tange aos direitos reservados a esse grupo, a constituição define, assim como para criança e adolescentes, o estatuto do idoso:

Art. 3º – É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003; Brasil, 2003, p. 1)

Para Whitaker (2007) o estatuto acima traz um novo e compreensivo olhar em relação ao idoso, o qual passa a ser visto como sujeito de direitos (ou, pelo menos, deveria ser visto como tal). Segundo a pesquisadora a sociedade precisa ser educada para compreender o envelhecimento sobre esse novo

prisma, do idoso como sujeito de direitos. Em outras palavras, está na hora de repensar as atitudes que infantilizam o idoso e o assistencialismo, que, principalmente nas camadas exploradas, trata-o como indigente, transformando em esmola, ou favor, as poucas políticas públicas que amenizam essa fase da existência, em relação às quais se configuram direitos humanos estabelecidos como direitos sociais em diplomas legais através do estatuto.

Essas reflexões acima foram suscitadas ao longo da nossa pesquisa. Falta aos jovens e aos adultos uma maior compreensão sobre o idoso, seus anseios, sonhos e direitos. Ao longo da aplicação da Pedagogia da Cooperação e com as ferramentas que foram utilizadas foi possível identificar muitas das características desse grupo enquanto ator social, bem como entender a importância da família e do estado na garantia de direitos desse grupo.

2.1 Envelhecimento, velhice e terceira idade

Entende-se que o envelhecimento é um processo vitalício e que os padrões de vida que promovem um envelhecimento com saúde são formados no princípio da vida. Contudo vale destacar que fatores socioculturais definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e o tipo de relação que ela estabelece com esse grupo populacional.

Segundo Matos (2002), o envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados.

Sobre envelhecimento, Neto (2002, p. 43) afirma:

O envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

Para Palácios:

O processo de envelhecimento representa uma época sombria, decrepita, repleta de temores da morte, de acometimento de doenças que culmina com o

isolamento do indivíduo dos processos de socialização em sua fase final.
(2007, p.34)

Já a velhice, para Netto (2002), que é a última fase do ciclo da vida está associada à perda dos papéis sociais, solidão e perdas psicológicas, motoras e afetivas. Em outras palavras a velhice é entendida como momento de perdas, decrepitude e inutilidade.

Simone de Beauvoir (1990) discorreu a respeito das sociedades e as imagens construídas pelas mídias em relação aos velhos e relata que nas sociedades ocidentais a velhice foi e continua sendo ligada uma imagem estereotipada, como um período dramático associada a pobreza e a invalidez.

Para efeito legal, idoso é a denominação oficial de todos os indivíduos que tenham 60 anos ou mais. Esse é o critério adotado para fins de censo demográfico e também utilizado pela organização Mundial de saúde (OMS) e pelas políticas sociais que focalizam o envelhecimento.

O termo terceira idade surgiu na França na década de 60 visando transformar positivamente a imagem da velhice, através de uma política de integração social desse grupo no país. Até o referido período o tratamento da velhice era pautado na exclusão social tendo o asilo como seu principal símbolo.

No Brasil a terceira idade é uma expressão que recentemente se popularizou no vocabulário brasileiro e tem sido o termo corrente entre os pesquisadores interessados no estudo da velhice, que não se relaciona a uma idade específica, mas a uma forma de tratamento das pessoas de mais idade. É importante destacar que a categoria não adquiriu ainda uma conotação depreciativa.

Para Debert (2004), a invenção da terceira idade é compreendida como fruto crescente de socialização da gestão da velhice que durante muito tempo havia sido considerada como responsabilidade da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, mas que agora se transformou numa questão de responsabilidade pública.

Palácios (2007) reflete que ainda que a terceira idade aponte para etapa final da vida a nomenclatura terceira idade faz desaparecer alguns vocábulos marcados negativamente como velhice, senilidade e envelhecimento.

Sendo assim podemos dizer que a nova realidade demográfica do Brasil leva à criação de um grupo denominado terceira idade com objetivo de produzir uma imagem positiva do envelhecimento. Exemplos de que essa nova visão está sendo implementada no país se reflete na criação de espaços, que são rapidamente ocupados pelos idosos, para que novas experiências de envelhecimento possam ser vividas por esse grupo.

Sobre isso, Matos (2002, p. 5) corrobora que as novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças sociais, políticas e culturais, que definem esses indivíduos na sociedade contemporânea. A boa aparência, o bom relacionamento sexual e afetivo deixam de depender de qualidades fixas que as pessoas podem possuir ou não e se transformam em algo que deve ser conquistado a partir de um esforço pessoal.

Ainda segundo o pesquisador, o contexto atual se transforma em um novo mercado de consumo, não há lugar para a velhice, que tende a ser vista como consequência de descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilos de vida inadequados. Isto é, em alguma medida o culto ao corpo na terceira idade tem se relacionado ao prolongamento da vida e, talvez, a negação da condição da velhice.

Nesse sentido tratar a velhice no Brasil não é tarefa fácil, pois os idosos pesquisados e apresentados pelos meios de comunicação são indivíduos ativos, lúcidos, participantes e prontos para viverem um dos momentos mais felizes de suas vidas. Contudo, existe um número significativo de idosos que são desprovidos de direitos básicos enquanto cidadãos, como a previdência, e que também não estão acessando os programas para a terceira idade. Em suma, podemos dizer que o termo terceira idade sugere mudanças de práticas, hábitos e comportamentos de consumo.

O grupo de mulheres da terceira Idade que fizeram parte desta pesquisa representam em sua maioria o perfil de idosos que tem acesso à informação, à atividade física e tem consciência de que não querem ser a avó que faz apenas crochê para os netos e netas. São mulheres com trajetórias de vida bastante interessantes e que estão adotando novos hábitos em relação ao corpo e a vida social, desconstruindo a visão sobre a velhice até então impostas.

3. A PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

A Pedagogia da Cooperação é, de acordo com Brotto (2016), um conjunto de conhecimentos e de práticas que orientam a promoção da cooperação. O seu propósito é, por meio da construção de ambientes cooperativos, levar as pessoas a sentirem que podem ser quem realmente são. Ao sentir que é aceito exatamente como é, o indivíduo passa a se colocar a serviço da transformação do mundo no lugar onde ele deseja viver.

Essa Pedagogia está alicerçada basicamente em quatro pilares:

- Princípios: filosofia da cooperação, valores, visão de mundo, perspectivas;
- Processos: estratégias e metodologias colaborativas;
- Procedimentos: sugestões de como fazer; e
- Práticas: aplicação prática de forma integral e integrada.

A seguir, esses pilares serão detalhados.

3.1 Princípios

Apresentaremos nesta seção, de forma breve e resumida, os quatro Princípios da Pedagogia da Cooperação: Princípio da *Co-Existência*, Princípio da *Com-Vivência*, Princípio da Cooperação e Princípio da *Comum-Unidade*.

3.1.1 Princípio da Co-Existência

De acordo com Brotto (2016), o princípio da coexistência é o que leva à conscientização da interdependência que existe entre todos os seres. É a partir desse princípio que as pessoas passam a perceber que não estão separadas umas das outras, mas que fazem parte de um Todo. Assim, entende-se que as ações de um interferem e influenciam na vida de todos os outros. Saber-se interdependente possibilita que a pessoa renove a sua visão sobre as suas

relações com os outros, exercitando o seu olhar para o diferente com ética e respeito.

3.1.2 Princípio da Com-Vivência

O Princípio da *Com-Vivência* pode ser entendido como o reconhecimento do outro. Ao reconhecer-se o outro, torna-se possível aceitá-lo e incluí-lo. Essa inclusão, que ocorre somente quando se consegue reconhecer e acolher pessoas com diferentes ideias, sentimentos, visões, comportamentos e valores, possibilita a convivência de todos e de todas que queiram fazer parte da comunidade.

A pedra filosofal da Pedagogia da Cooperação é perceber-se uma pessoa única e especial por ser exatamente como se é, e, simultaneamente, reconhecer que os outros também são igualmente únicos e especiais. É compreender que ninguém é melhor do que ninguém, e que juntos podemos chegar a lugares onde nunca chegaríamos sozinhos (Brotto, 2016).

3.1.3 Princípio da Cooperação

O canadense Terry Orlick, em seu livro intitulado *Vencendo a Competição*, afirma que:

A cooperação contínua é talvez mais importante para o homem do que para qualquer outra espécie, porque a ação humana tem um efeito direto sobre todas as outras espécies. Não só tem a capacidade de enriquecer ou destruir a si mesmo, como também a todo o ambiente natural (Orlick, 1989, p.22).

Riane Eisler (2008), da mesma forma, acredita que o ser humano é naturalmente cooperativo, podendo escolher quem quer ser e com o que quer cooperar. Segundo a autora, a cooperação esteve presente nos povos pré-históricos da Europa Antiga, onde se percebia uma estrutura social igualitária, solidária e matrilinear. Há evidências de que, na maior parte da história da humanidade, o ser humano viveu em harmonia e constituiu relações de parceria, ao contrário do que se percebe hoje no modelo patriarcal de dominação.

Esse modelo atual está chegando ao seu limite lógico: a valorização da guerra tem sido tão grande que as tecnologias estão sendo utilizadas com a intenção de mostrar o poder de tirar vidas. O homem está investindo cada vez mais pesado na construção de armas que podem dar fim à humanidade como um todo (Eisler, 2008).

Nesse contexto, ainda conforme a autora, é premente a transformação da estrutura de dominação atual para uma sociedade de parceria. Para isso, é necessário que cada um perceba que é corresponsável pela evolução humana. É preciso que o ser humano compreenda a sua responsabilidade de cuidar do mais precioso dos produtos sociais: a criança humana. Somente a partir de uma nova educação, será possível transformar as estruturas e caminhar rumo a uma nova sociedade.

Para Brotto (2016), essa nova sociedade surgirá através do desenvolvimento do interesse pelo bem comum e pelo compromisso com uma “*Comum-Unidade Humana Real* (nem ideal, nem normal)” e terá como alicerces principais a cooperação, a confiança e o respeito mútuo.

Tabela 1 – Comparação entre a situação cooperativa e a competitiva

SITUAÇÃO COOPERATIVA	SITUAÇÃO COMPETITIVA
Percebem que o atingir de seus objetivos é, em parte, consequência da ação dos outros membros.	Acreditam que o atingir de seus objetivos é incompatível com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com frequência.	Ajudam-se mutuamente com menor frequência.
Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade, em termos qualitativos, é maior.	A produtividade, em termos qualitativos, é menor.
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividades é menor.

Fonte: Morton Deutsch, apud RODRIGUES, Aroldo. Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 1972 (p.149). Modificado por Brotto, 1997.

A partir da análise da tabela acima, pode-se dizer que uma situação é competitiva quando, para alguém alcançar seu objetivo, outras pessoas têm

que, necessariamente, não alcançar os seus. Essa situação contrapõe-se à situação cooperativa, na qual os objetivos dos indivíduos são tais que, para que o objetivo de um seja alcançado, todos os demais participantes devem igualmente atingir seus respectivos objetivos (Brotto, 2013, p. 43).

Assim, Cooperação existe quando “os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos” (Brotto, 2013, p. 43).

3.1.4 Princípio da Comum-Unidade

A *Comum-Unidade* é o “ambiente adequado para cultivar o Espírito de Grupo” (BROTTO, 2016).

De acordo com Mattos (2017), “o conceito de Comunidade abrange todos os tipos de relações caracterizadas por laços de pertencimento”.

Miranda (1995), afirma que, na atualidade, vive-se uma ruptura com os princípios de comunidade, uma vez que as relações se tornaram impessoais, estabelecidas por interesse, não por afeto, e baseadas em valores individuais.

A tabela abaixo mostra uma comparação entre comunidade e sociedade.

Tabela 2 – Comparação entre Comunidade e Sociedade

COMUNIDADE	SOCIEDADE
Indivíduos como parte de uma totalidade	Esferas de vida interligadas, mas livres de relações
Relações pessoais, diretas	Relações impessoais
Laços de amizade, afeto	Laços de interesses
Valores coletivos	Valores individuais

Fonte: Miranda, 1995.

Na sequência, serão apresentados os principais Processos da Pedagogia da Cooperação.

3.2 Processos

Hoje já existem diversos recursos para incentivar e promover a cooperação. Algumas metodologias colaborativas que podem ser utilizadas são:

- Jogos Cooperativos;
- Danças Circulares;
- Diálogo;
- Comunicação Não-Violenta;
- *World Café*;
- *Open Space*;
- *Dragon Dreaming*;
- Investigação Apreciativa;
- Práticas Meditativas;
- Processos Circulares;
- Jogo Oásis;
- *Musicooperação*;
- Aprendizagem Cooperativa.

Esse trabalho utilizou-se de Jogos Cooperativos, Danças Circulares, Diálogo, *World Café*, Investigação Apreciativa e *Musicooperação*.

3.2.1 *Jogos Cooperativos*

Os Jogos Cooperativos são jogos que apresentam uma estrutura alternativa aos jogos competitivos. Ao invés de reproduzir a ideia de que é preciso derrotar os outros, busca-se atingir certo objetivo de forma conjunta. Joga-se, então, *com* as outras pessoas, e não *contra* elas.

Esses Jogos foram criados a partir da preocupação com os caminhos a que estavam levando a competição excessiva no contexto atual, visto que, em praticamente todas as áreas das nossas vidas experimentamos a ideia de que é preciso ganhar do outro, é preciso competir e, principalmente, vencer. Assim, o objetivo primeiro do Jogo Cooperativo é "promover a autoestima e o

desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas", de forma que passemos a reconhecer o outro como um parceiro (Brotto, 2013, p. 61).

3.2.2 Danças Circulares

As Danças Circulares são uma forma de expressão artística através do movimento corporal que esteve presente na história da humanidade como forma de celebração e conexão entre as pessoas, em situações de nascimento, casamento, morte, plantio, colheita, chegada das chuvas, entre outras. Essas danças têm este nome porque são normalmente dançadas por um grupo de pessoas, em círculo.

A principal referência das danças circulares é Bernhard Wosien, bailarino, pedagogo da dança, desenhista e pintor, o qual fez uma coletânea de danças étnicas durante muitos anos. Em 1976, Wosien ensinou, pela primeira vez, um conjunto de danças para os moradores da comunidade de Findhorn, na Escócia.

3.2.3 Diálogo

O Diálogo é uma maneira de transportar sentidos e conceitos. Assim, no momento em que o praticamos, conseguimos nos conectar através da palavra. Então, o Diálogo é uma ferramenta que visa o estabelecimento e o fortalecimento de vínculos, e a formação de redes, uma vez que não constitui um instrumento que leva as pessoas a defenderem a sua opinião, como ocorre nas discussões e nos debates. É, pelo contrário, utilizado para identificar e trazer à superfície, para poder compreender, as razões por que estão ocorrendo dificuldades no desenvolvimento de algumas relações. Portanto, o Diálogo é mais do que uma técnica: é uma forma de orientar conversas que possibilita o despertar para uma nova perspectiva de mundo, de relacionamentos e de processos.

Para que o Diálogo aconteça, é necessário que as pessoas envolvidas estejam dispostas a ouvir de verdade, com empatia, as colocações e as ideias dos outros.

3.2.4 *World Café*

O *World Café* se apresenta como uma ferramenta, criada em 1995 por Juanita Brown e David Isaacs, que trabalha a complexidade e a diversidade no grupo, de forma que a inteligência coletiva possa emergir. Os participantes são distribuídos em mesas, nas quais ocorrem trocas e conversas em torno de uma questão central, que propiciam o diálogo entre o grupo. Após algum tempo, as pessoas são convidadas a trocar de mesa, ficando em sua mesa de origem apenas o guardião daquela mesa, que será o responsável por informar àqueles que chegarão a sua mesa pela primeira vez as ideias que foram ali trazidas nas rodadas anteriores.

O conceito de polinização é bem importante para o processo do *World Café*, pois é exatamente isso que acontece à medida que ele ocorre e as pessoas trocam de mesas. A colheita dos aprendizados do grupo e das percepções também é fundamental ao final do processo para garantir que tudo o que emergiu do grupo fique registrado.

3.2.5 *Investigação Apreciativa*

A *Investigação Apreciativa*, criada por David Cooperrider, é uma ferramenta utilizada para buscar o que de melhor existe nas pessoas, nas organizações ou em qualquer outro lugar, de forma participativa, pois envolve pessoas na cocriação do seu futuro coletivo. O nome remete à descoberta (investigação) de possibilidades desconhecidas positivas (apreciativa) no objeto de estudo.

Na *Investigação Apreciativa*, ao invés de focarmos no problema, tratamos de iluminar as possibilidades, o que pode haver de bom, a partir de perguntas tão bem feitas que constituem a própria intervenção que queremos fazer no sistema. Esse processo é, portanto, uma oportunidade de descobrirmos sonhos e projetarmos o nosso destino, através da busca daquilo que realmente tem valor e significado.

3.2.6 *Musicooperação*

A *Musicooperação* foi desenvolvida por Rodolpho Martins - Dodô, em 1995, com o objetivo de contribuir para a criação de um mundo pacífico, compassivo,

cooperativo e acessível para todos. Trata-se de um processo que se utiliza da linguagem musical como um instrumento para gerar ambientes cooperativos.

Essa metodologia colaborativa é composta por um arranjo de processos de desenvolvimento grupal, como Jogos Cooperativos Musicais, Música Corporal, Improvisação Vocal, Danças Circulares, Música Orgânica, Composições e Criações Coletivas.

3.3 Procedimentos

Brotto (2016), indica alguns procedimentos para promover a cooperação e o desenvolvimento de comunidades colaborativas que podem ser utilizados nos processos anteriormente mencionados. Esses procedimentos determinam algumas “maneiras de fazer” que foram identificadas como eficientes na criação de ambientes cooperativos, e que podem ser melhor visualizados a partir da análise da tabela a seguir.

Tabela 3 – Procedimentos eficientes na criação de ambientes cooperativos

PROCEDIMENTO	DESCRIÇÃO	UTILIZAÇÃO
Círculo e Centro	<p>Quando formamos um <i>Círculo</i>, recuperamos o sentido de Comum-Unidade, pois, na roda, todos são igualmente importantes; todos se veem e são vistos por todos; não há quem esteja acima, nem abaixo; todos pertencem ao <i>Círculo</i>.</p> <p>Ao compor um <i>Círculo</i>, reconhecemos a existência de um <i>Centro</i>, de algo que está <i>entre-nós</i>, que é comum a todos e todas, sem exceção. Nele, está aquilo que é essencial para o grupo... é o fogo que precisa ser mantido vivo no centro da roda. E, por ser assim, é cuidado por cada um e cada uma, todo o tempo.</p>	<p>* Sempre que possível, trabalhar em <i>Círculo</i> para começar e terminar a atividade.</p> <p>* Criar um <i>Centro</i> para marcar o ponto central do <i>Círculo</i>. Utilizar algo bem familiar e simbólico ao grupo que está reunido.</p>
Ensinação Cooperativa	<p>Convivência: Tem na vivência e na prática compartilhada o contexto fundamental para a aprendizagem. É preciso experimentar para poder re-conhecer a si mesmo e aos</p>	<p>* Pode-se ensinar-e-aprender a jogar, jogando. Oferecer condições para que pessoas de todas as idades experimentem o Jogo para, depois, refletir sobre ele, compartilhar os aprendizados e se encorajar para</p>

PROCEDIMENTO	DESCRIÇÃO	UTILIZAÇÃO
	<p>outros.</p> <p>Consciência: Cria um clima de introspecção e auto-observação, incentivando os participantes a refletirem sobre a própria prática e convivência durante a atividade. Sugere perceber as possibilidades de modificar comportamentos, relacionamentos e até a própria atividade, na perspectiva de melhorar a participação, o prazer e a aprendizagem de todos.</p> <p>CompartilhEssência: Favorece o diálogo, a troca, a comum-única-ção para compartilhar a sacada, o <i>insight</i>, a descoberta, o "me dei conta", aquele "ahá!", como inspirações para transformação pessoal e coletiva.</p> <p>Transcendência: Ajuda a sustentar a disposição para experimentar as possibilidades de mudança aplicadas em situações do cotidiano pessoal e coletivo. Só aprendemos quando mudamos o comportamento, quando fazemos diferente o que fazíamos antes de receber a lição e adquirir o ensinamento.</p>	<p>praticar a mudança.</p> <p>* O jogo pelo jogo, a prática pela prática e o fazer pelo fazer... tendem a reproduzir e manter. Por isso é importante oferecer oportunidades para o aprender a partir do Jogo, da prática, do fazer... juntos!</p> <p>* Estimular a participação nas Rodas de Diálogo após cada experiência.</p>
<p>Do + simples para o + complexo</p>	<p>De um certo modo, toda evolução ocorre de dentro para fora, do pequeno para o maior, do mais próximo para o mais distante, do indivíduo para a sociedade... do mais simples para o mais complexo.</p> <p>Assim, aprendemos a correr, aprendendo a andar; aprendemos a escrever, aprendendo a falar... aprendemos a cooperar, praticando a Cooperação em diferentes níveis: pessoal, interpessoal, grupal e Comum-Unitário.</p>	<p>* Inicialmente, oferecer atividades que favoreçam a autoestima, a autonomia e a integração com colegas e amigos mais próximos.</p> <p>* Gradativamente, inserir Jogos e Atividades mais complexas, que necessitem da Integração e Cooperação com um grupo maior.</p> <p>* Após esses estágios, pode-se desafiar os participantes a ampliar suas Habilidades de Relacionamento para participar de Jogos onde a necessidade de Integração e Cooperação envolva todas as pessoas e equipes.</p>

PROCEDIMENTO	DESCRIÇÃO	UTILIZAÇÃO
Ser Mestre-e-Aprendiz	Focalizar um processo de Cooperação é ser como um ponto de luz em um quarto escuro. É apenas ajudar a iluminar a situação para que cada pessoa/ grupo/ organização descubra seu próprio caminho, dê seus próprios passos e siga na direção de sua própria transformação... e que, além disso, se mantenha aberto em colaborar com aqueles outros que estão, assim como ele mesmo, no infinito caminho de seu eterno reencontro.	<ul style="list-style-type: none"> * Incentivar a criação de Novos Jogos e novos jeitos de jogar os mesmos jogos. * Valorizar sugestões sobre como solucionar problemas, harmonizar conflitos e realizar metas de jeitos diferentes e inovadores. * Manter-se aberto para aprender com os próprios erros. Esse é um ótimo exemplo de humildade e de abertura para aprender sempre.
Começar e terminar juntos	<p>Nem sempre conseguimos realizar um processo de Cooperação mais robusto, que apareça muito. mas, começar e terminar com todos juntos é tão simples de fazer que cabe em qualquer lugar, situação e grupo.</p> <p>Dá aquela sensação de a gente fazer parte de um time que se mantém firme diante dos maiores desafios, e celebra junto cada pequena conquista.</p> <p>Aconteça o que acontecer, começamos e terminamos juntos!</p>	<ul style="list-style-type: none"> * Começar e terminar a atividade reunindo todo mundo no Círculo, em torno do Centro. * Pode ser através de uma história contada, de uma dança dançada, de um jogo jogado, um sinal combinado e até por um silêncio compartilhado.

Fonte: Brotto, 2016 (Adaptado para fins acadêmicos deste trabalho).

3.4 Práticas

As Práticas que estruturam a Pedagogia da Cooperação são sete (Brotto, 2016):

1) Fazer *COM-TATO* (Conectar): consiste em estabelecer um contato entre os participantes, sempre cuidando para que todos comecem juntos. Nessa etapa, buscamos realizar atividades que integrem as pessoas, de maneira que elas comecem a se ver como um grupo, despertando o interesse e a curiosidade com relação aos outros participantes, através de Jogos Cooperativos, Danças Circulares e Diálogo. Essa prática inicial busca nos levar a refletir sobre a seguinte pergunta: quem somos nós quando estamos neste grupo?

2) Estabelecer *COM-TRATO* (Cuidar): nessa etapa, buscamos verificar quais são as necessidades de cada um e do grupo como um todo. A partir da identificação dessas necessidades, estabelecemos acordos de cooperação e convivência, para que todos se sintam à vontade para serem quem realmente são. A ideia é cuidar do que deve ser cuidado para que o grupo permaneça bem durante todo o tempo que estiver junto. As Metodologias que podem ser utilizadas nesta prática são Diálogo, Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Investigação Apreciativa.

3) Compartilhar *IN-QUIETA-AÇÕES* (Compartilhar): essa prática consiste em compartilhar as inquietações, as dúvidas a respeito de algum tema sobre o qual se quer saber mais, e para o qual se gostaria de ter respostas. A partir dessa etapa, começamos a refletir sobre o que somos capazes de descobrir quando estamos juntos. Podemos utilizar Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Diálogo para a elaboração dessas perguntas.

4) Fortalecer *ALIANÇAS & PARCERIAS* (Confiar): a partir de Jogos Cooperativos, Danças Circulares, Comunicação Não-Violenta, Práticas Meditativas, e Transformação de Conflitos essa prática busca fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo. A ideia é nos fazer pensar sobre o que nos torna uma comunidade.

5) Reunir *SOLUÇÕES COMO-UNS* (Cocriar): consiste em fazer a colheita de ideias, sugestões, dicas, comentários, *insights* e respostas para as perguntas elaboradas na etapa 3 (Compartilhar *IN-QUIETA-AÇÕES*), através de metodologias como *World Café*, Investigação Apreciativa e Diálogo. É a fase da cocriação. Ao vivenciarmos essa prática, descobrimos o que sabemos como grupo que não sabemos individualmente.

6) Realizar *PROJETOS DE COOPERAÇÃO* (Cultivar): Nesta etapa, buscamos encontrar ações para que as Soluções Comuns encontradas sejam aplicadas no cotidiano, de maneira simples, mas efetiva. Para isso, podemos utilizar as metodologias de *Open Space*, *Dragon Dreaming*, *Canvas* e Diálogo. O objetivo, nessa fase, portanto, é definir estratégias para que as soluções encontradas sejam colocadas em prática.

7) Celebrar o *VENSER* (Celebrar): Celebrar é reconhecer que cada pequeno passo é importante para a caminhada pessoal e coletiva. Nessa etapa, celebramos quem somos e quem o outro é. As Metodologias que podem ser utilizadas são Práticas Meditativas, Investigação Apreciativa, Aprendizagem Cooperativa, Jogos

Cooperativos e Danças Circulares. Nessa última prática, a questão que se apresenta para reflexão é: quem eu sou quando me permito Ser e quando estou aberto para que o outro também se mostre como realmente é?

O presente trabalho partiu das sete práticas acima listadas para planejar a estruturação dos encontros de aplicação da Pedagogia da Cooperação com o grupo de pais e filhos.

3.5 Indicadores de Cooperação

Os indicadores *Diver*, que podem ajudar a identificar se a Cooperação está realmente se manifestando no ambiente, são os seguintes (BROTTO, 2016):

- 1) *DIVERdade*: se a experiência é vivida com Desapego;
- 2) *DIVERtido*: se a experiência é vivida com Integridade;
- 3) *DI-VER-gente*: se a experiência é vivida com Plena Atenção;
- 4) "*DIVER*": se a experiência é vivida com Abertura para Compartilhar.

Figura 1 – Matriz das quatro pequenas virtudes



Fonte: Elaborada a partir de Brotto (2016).

Como se pode verificar a partir da observação da figura acima, Desapego, Integridade, Plena Atenção e Abertura para Compartilhar são consideradas as Quatro Pequenas Virtudes.

No capítulo a seguir, será detalhada a aplicação prática da Pedagogia da Cooperação, com um grupo de mulheres da terceira idade de uma casa de convivência no bairro de botafogo no Rio de Janeiro.

4 APLICAÇÃO DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

4.1 Metodologia de Pesquisa

A palavra grega *methodos* significa "investigação científica, modo de perguntar", enquanto *logos* quer dizer estudo; ou seja, metodologia é o estudo da estruturação, das maneiras como podemos realizar uma pesquisa.

A pesquisa, por sua vez é:

Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (Gil, 2007, p. 17).

Assim, iniciamos uma pesquisa quando temos uma inquietação, uma pergunta para a qual gostaríamos de obter uma resposta. No caso deste trabalho, a questão cuja solução buscamos encontrar é: como a Pedagogia da Cooperação pode possibilitar conhecer um grupo de mulheres da terceira idade, bem como aproximar gerações diferentes de mulheres.

Para tal, no que diz respeito à abordagem, utilizamos a pesquisa qualitativa. Esta é aquela que não procura representatividade numérica, mas um aprofundamento da compreensão de determinado grupo sobre o assunto a ser estudado. Nessa abordagem, quem aplica a pesquisa é ao mesmo tempo sujeito e objeto da mesma, e, por isso, não é possível prever o seu desenvolvimento. Assim, o objetivo da amostra é gerar novos dados que não podem ser quantificados, uma vez que a pesquisa qualitativa trabalha com valores, crenças, relações e processos em profundidade. Quanto à natureza, utilizamos a pesquisa aplicada, a qual visa gerar conhecimentos para a aplicação prática.

Com relação aos procedimentos, utilizamos: (a) pesquisa bibliográfica, "a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites" (Fonseca, 2002, p. 32); (b) pesquisa documental, a qual "recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: jornais, revistas,

filmes" (Fonseca, 2002, p. 32); e (c) pesquisa-ação, a qual pressupõe a participação do pesquisador na situação problemática a ser investigada.

De acordo com Fonseca (2002, p. 35),

o objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador.

4.2 O Local da Pesquisa: A casa de Convivência Padre Veloso

O centro de convivência Casa Padre Veloso recebeu este nome por homenagear um padre que atuou em diversos segmentos sociais voltados para comunidade. Inaugurada em 22 de outubro de 2007, o centro de convivência está localizado na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Botafogo, Rua São Clemente nº 312. opera suas atividades para idosos de segunda a sexta entre 8h e 17h.

O centro de convivência tem seu projeto estruturado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH) de responsabilidade da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. São oferecidas à comunidade na Casa de Convivência Padre Veloso diversas atividades, como: oficinas de teatro, percussão, artesanato, informática, yoga, pilates, danças, ginásticas e alongamento, cujo objetivo principal é colaborar com a promoção e manutenção da qualidade de vida dos idosos, bem como promover atividades culturais, que fomentem a integração social dos mesmos.

O serviço oferecido é terceirizado e em colaboração com diversos profissionais, tais como nutricionista, psicólogo, técnicos em enfermagem, terapeutas ocupacionais, profissionais de educação física, cozinheiros, entre outros colaboradores. As estruturas possuem unidades de fácil acesso para atender o

público idoso, além da enfermagem que assessora no acompanhamento da saúde dos envolvidos nas atividades.

4.3 O Grupo pesquisado: as mulheres da casa de convivência

Esta é uma pesquisa qualitativa que buscou aproximar mulheres idosas e conectar gerações por meio da Pedagogia da Cooperação.

Em um primeiro momento foi realizada uma aproximação do grupo com a finalidade de criar vínculos e conhecer os alunos de forma mais descontraída, proporcionando ambiente confortável para que eles pudessem se expressar e assim maximizar a experiência com as atividades coletivas que foram propostas.

As dinâmicas foram planejadas para um momento extra às atividades formais da Casa de Convivência Padre Veloso, impreterivelmente após as aulas de ginásticas. As dinâmicas eram abertas a todas as mulheres idosas matriculadas no centro convivência interessadas em participar das atividades.

Este estudo foi composto por cerca de 20 mulheres idosas com idade acima de 60 anos e fisicamente ativas. Vale salientar que o número de alunas variava de acordo com a disponibilidade de cada uma, desta forma, o número de participantes em cada seção oscilava, porém sem ausências significativas, a maioria das alunas permaneceu ao longo de todo processo das 7 vivências experimentadas.

4.4. Imersão: Aplicação das 7 práticas no grupo de pesquisadoras

Com base no conselho da nossa orientadora Eliana Fausto e também na experiência de um dos grupos da turma, decidimos aplicar as 7 práticas antes de iniciar o processo de planejamento dos encontros. Isso para que nos fortalecemos enquanto grupo. É importante destacar que a imersão ocorreu no dia 3 de setembro na casa de uma das pós-graduandas, em Santa Teresa, Rio de Janeiro.

4.4.1. A chegada

Como dito, o encontro ocorreu na casa de uma das pós-graduanda, Manuela, no dia 03 de setembro, domingo. A casa é um novo espaço de co-living e fomentou

ainda mais a energia da cooperação e de escuta. É importante destacar que realizar esse encontro lá e conseguir uma data comum para nos reunir mereceu a primeira celebração. Para celebrar, organizamos um café da manhã coletivo onde cada uma pode falar sobre seu momento na vida. Identificamos nessas trocas que, apesar de estarmos vivendo situações diferentes, estávamos num processo de busca e de entendimento de nós mesmas. Essa atmosfera de acolhimento nos fez nos sentir apoiadas umas nas outras.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

4.4.2. COM-TATO

Conforme combinamos antes da imersão, a pós-graduanda Marilucia ficou responsável pelo *com-tato*.

Com o auxílio de um pequeno buquê de flores, cada uma de nós escolheu três flores que tinham chamado atenção ou que lembrava uma das companheiras de TCC. Em seguida, oferecemos, uma por vez, as flores com palavras de apreciação.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

4.4.3 COM-TRATO

Como o *com-trato*, atividade que tem como objetivo realizar combinados com o grupo, foi mais simples por estarmos em menor número e já nos conhecermos. Sendo assim, fizemos uma rodada sobre as nossas necessidades. A saber foram: fazer o que estiver sentindo, falar assertivamente, que o grupo esteja presente, cuidar das emoções e inquietações, tempo para pausa e jogar capoeira.

No final do dia a gente revisitou o nosso *com-trato* e tivemos mais uma razão para celebrar: Não jogamos capoeira, mas conseguimos respeitar todos os demais combinados.

4.4.4 INQUIETAÇÕES

Dando continuidade as 7 práticas, realizamos as *inquietações* com objetivo de identificar a pergunta da nossa pesquisa. Primeiramente escrevemos num papel as várias inquietações acerca do grupo de mulheres da terceira idade. O objetivo desse momento era levantar o máximo de inquietações possíveis, como já dito. Em seguida, aplicamos o processo de escolha da pergunta “mais quente” para gente.

Identificamos nesse processo de votação que existiam perguntas “grávidas” e, assim, realizamos mais um processo de votação.

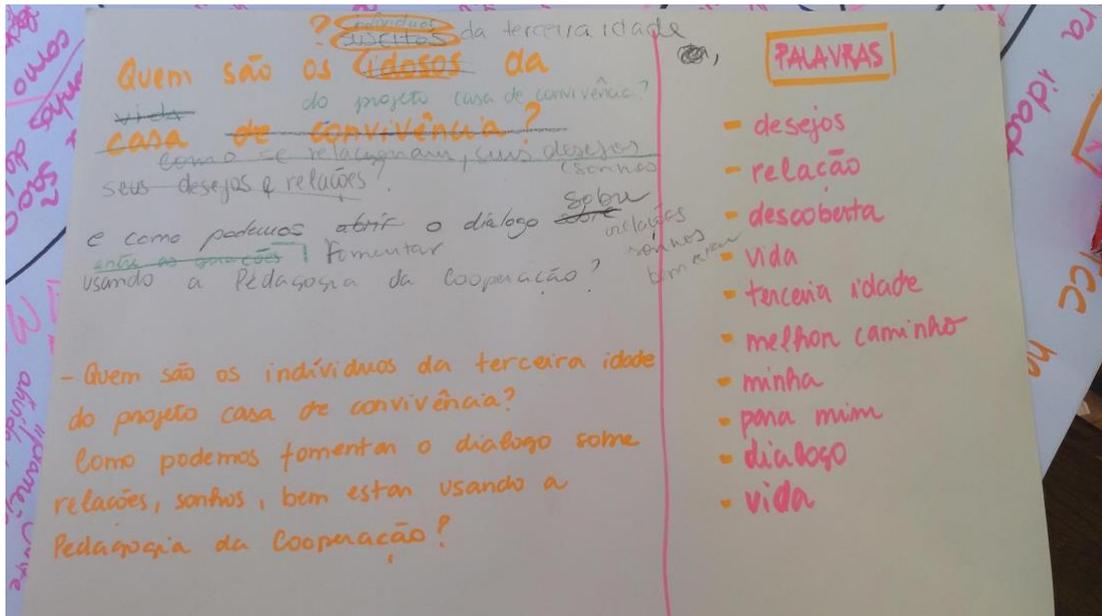
É importante destacar que tivemos bastante dificuldade nessa prática. A pergunta que nortearia a pesquisa não estava sendo encontrada. Diante disso, decidimos responder a duas perguntas: a) O que queremos descobrir juntas? b) O que queremos dar ao grupo de mulheres?

Com base no que apontamos de descobertas e doação em relação ao grupo, fomos fazendo um mosaico com as palavras montando a pergunta que iríamos descobrir com o grupo. Fizemos esse passo num processo orgânico e em silêncio.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

No final desse processo, conseguimos identificar a pergunta da nossa pesquisa: *Quem são os indivíduos da terceira idade da casa de convivência e como podemos fomentar o diálogo sobre relações, sonhos e bem-estar usando a pedagogia da cooperação?*



Fonte: Acervo próprio, 2017.

4.4.5 ALIANÇAS E PARCERIAS

Essa prática foi realizada na sala de yoga da casa onde estávamos. Decidimos fazer juntas uma meditação ativa chamada “heart chakra” do Osho – uma meditação que integra corpo, mente e emoção e que te convida para uma viagem que nos conecta com nosso próprio coração, elementos do passado que alimentaram nosso chakra do coração e que possibilitaram a caminhada até o presente e pensamos positivos sobre o nosso futuro. No fim da meditação, compartilhamos em roda sentimentos que estavam latentes.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

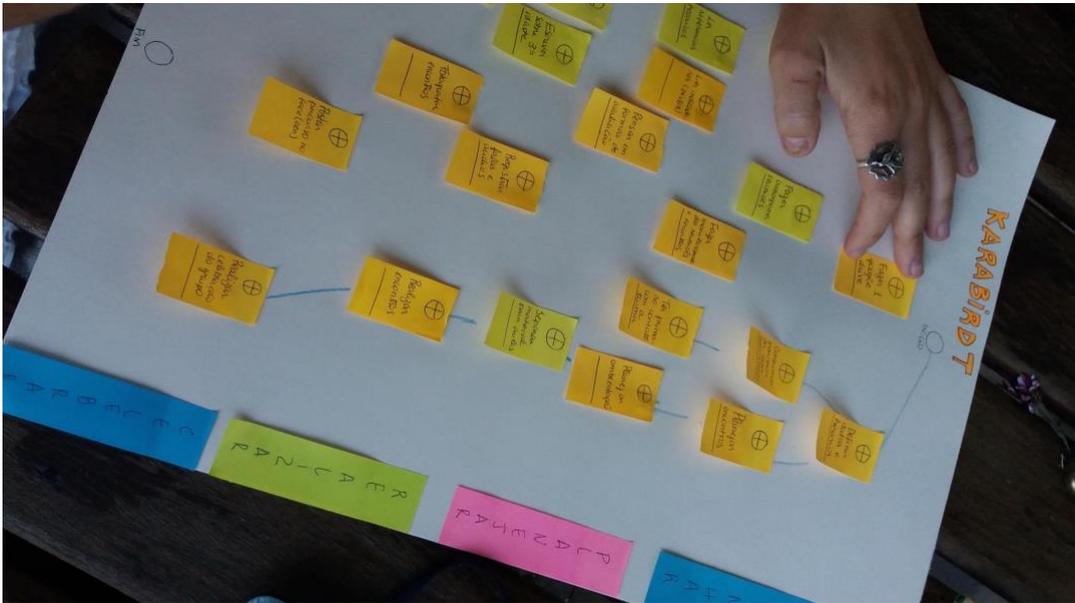
Ao final dessa prática, nos organizamos para fazer um almoço em conjunto que representou o clima de parceria e leveza do momento.

4.4.6 SOLUÇÕES COMUNS

Essa prática, assim como as inquietações, gerou bastante insegurança. Mas como as demais práticas tudo fluiu de forma muito orgânica e com cada uma contribuindo com o melhor de si mesma, intercalando as energias e conhecimento especializado. É importante destacar que essa prática contou com a experiência da Ana Laura, que é facilitadora da ferramenta de elaboração de projetos dragon dreaming, pois precisávamos nos organizar em relação às tarefas e prazos.

Primeiramente revisitamos os nossos sonhos que a gente escreveu no início do processo de construção de grupo, quando Marcia ainda não integrava o grupo. Sendo assim, tivemos que escrever também os sonhos da Marcia. Depois, seguindo os passos do Dragon Dreaming, lemos os sonhos em voz alta como se eles já tivessem acontecido. Por fim, fizemos uma chuva de ideias de tarefas que precisariam ser executadas para atingirmos o objetivo da pesquisa. Com as tarefas

mapeadas, conseguimos criar o “Karabirdt” do Dragon Dreaming, uma organização visual das tarefas com os post-its.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

O Dragon Dreaming surgiu como uma ferramenta importante para nos guiar em relação a nossa pesquisa, pois precisávamos devido os desafios de agendas e do baixo número de encontros para planejamento das sete práticas com o nosso grupo que tínhamos.

4.4.7 CELEBRAÇÃO

Já no fim da trilha, chegamos na celebração da nossa imersão. O dia foi longo, mas bastante produtivo. Com todas as produções do dia, fizemos uma exposição dos registros numa mesa com flores e com a bebida principal da celebração: o espumante. Para esse momento especial, esteve presente a Barbara, que nos deu a honra de sua visita e nos presenteou contando sua experiência do seu TCC e conversamos bastante. Para compartilhar com ela o nosso dia, realizamos o E aí? - Atividade rememorando sobre os principais eventos do dia. Por fim, rimos bastante e brindamos o fim da imersão com o símbolo dos nossos encontros, o espumante.

4.5 A aplicação dos Encontros transformadores

A aplicação da Pedagogia da Cooperação neste trabalho teve duração de 20 horas, distribuídas em 5 encontros às segundas-feiras, sendo quatro encontros de 3 horas e um encontro imersivo de 8 horas no período de novembro a dezembro de 2017.

O público participante foi composto de pessoas da terceira idade, em sua maioria entre 65 e 78 anos. É importante destacar que o número de participantes variou de encontro para encontro entre 10 e 15. O detalhamento de cada encontro pode ser verificado a partir das tabelas abaixo à luz das sete práticas da Pedagogia da Cooperação.

Os primeiros dois encontros foram reservados para a prática do *Com-tato*. O terceiro encontro foi destinado ao *Com-trato* e o início das inquietações. O quarto encontro de aplicação foi dedicado ao fortalecimento de *Alianças e Parcerias*. No último encontro, a nossa imersão, foram realizadas as práticas das *Soluções em Comuns*, o *Projeto de Cooperação* - a festa maluca – que deu início a última prática da Pedagogia da Cooperação: a *Celebração*.

Vale ressaltar que optamos por dedicar maior tempo para a prática de *Com-Tato*, porque analisamos depois o primeiro encontro com o grupo, que – ao contrário como supúnhamos antes - elas ainda não se conheciam muito bem e também não existia confiança de grupo. Também foi possível identificar que as participantes tinham um apego a liderança da Marcia, professora das aulas de ginástica e também uma das pesquisadoras do grupo.

Também é importante dizer que o (s) projeto (s) cooperativos não só ocorreram no último dia, pois desde o primeiro encontro realizamos o compartilhar histórias de vida. Isso nos deixou mais próximas ainda da nossa pergunta de pesquisa. O desejo de ter bastante espaço para poder contar histórias e ser escutada foi explicitado na fase do *Com-Trato*. Nesse sentido consideramos a “linha do tempo” - a filmagem da fala de cada um na apresentação da “linha do tempo” e o registro disso nas fotos e nos vídeos – como um projeto em comum antecipado que surgiu de forma muito natural.

No encerramento de cada um dos encontros, celebrávamos o que estávamos construindo juntas com uma dança circular. As danças circulares deram – além do aspecto celebrativo – para elas, bastante segurança, porque as danças se

aproximavam do que elas já estavam acostumadas como participantes das aulas de ginástica. Sentíamos que elas esperavam e gostavam muito de atividades corporais.

Nas fotos e tabelas a seguir, juntamente com cada descrição e análise das atividades, inserimos a metodologia colaborativa utilizada para a sua realização.

Nas aulas de ginástica

Abaixo, o grupo nas aulas da ginástica da Marcia. A aula acontecia antes dos nossos encontros. Conforme é possível ver abaixo, as cadeiras nas aulas são dispostas em fileiras e as participantes olham para frente, onde a Marcia está orientando os comandos corporais.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

É importante descrever que as cadeiras são uma adaptação importante para apoiar os diferentes corpos com as limitações deles, devido à idade. Observamos que no grupo existe uma vasta heterogeneidade de disposição e limitações

corporais – mas o elemento da cadeira possibilita de uma forma muito discreta e “democrática” que cada participante busque nela o apoio que a pessoa precisa para poder acompanhar os exercícios. Por isso incluímos as cadeiras em muitas atividades, p.e. no jogo cooperativo dos “Guerreiros de Nago” ou até no final na festa maluca aonde algumas participantes dançaram sentadas.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

O poder do círculo

Antes de cada aula, nos preocupamos com o processo de transição entre a aula de ginástica e o nosso encontro da aplicação da Pedagogia da Cooperação. As danças circulares funcionaram muito bem como ferramenta de transição de um momento para o outro, integrando e conectando as participantes.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Desenho coletivo

O desenho coletivo foi feito no final de uns dos encontros. Uma das participantes desenhou um autorretrato dela escrevendo um “eu te amo”. Ou seja, já no segundo encontro apareceu o desejo de ter um espaço onde as participantes podiam se expor e se aceitar.

Ao mesmo tempo apareceram vozes críticas sobre suas próprias habilidades artísticas. Uma participante falou que o desenho era igual a um desenho de criança do jardim de infância. No geral, todas desenharam livremente e entusiasmadas. Em nossa interpretação, a motivação delas em realizar a atividade se relacionou também a inquietação das participantes de “despertar a criança interior”.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Espaço de histórias e confiança

Além das manifestações concretas das participantes de querer espaço para contar histórias e serem escutadas, observamos muitas evidências não-verbais da necessidade delas: escuta ativa, rostos com olhos vivos, compartilhamento de histórias e sentimentos bastante íntimos, demonstrando o quanto as participantes estavam confiando umas nas outras.



Fonte: Acervo próprio, 2017.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

A raposa do silencio

Já antes do *Com-Trato*, foi pelo grupo adotado a “raposa do silencio” – um sinal não-verbal que facilita silenciar um grupo num momento de muita fala desorganizada e pouca escuta. O acordo de usar esse sinal foi uma sugestão das pesquisadoras- focalizadoras para lidar com a demanda alta de fala e para aprimorar também a escuta. O sinal foi aceito em seguida e aplicada várias vezes de forma espontânea pelo próprio grupo.

A linha do tempo

A linha do tempo foi um momento chave dos encontros. Uma atividade que gerou muita reflexão e conexão entre as participantes sobre questões muito fortes da vida delas. Elas puderam mergulhar em suas histórias e principais marcos, bem como aprender umas com as outras. Para as pesquisadoras-focalizadoras um momento de muito aprendizado.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Check-in: Corporal

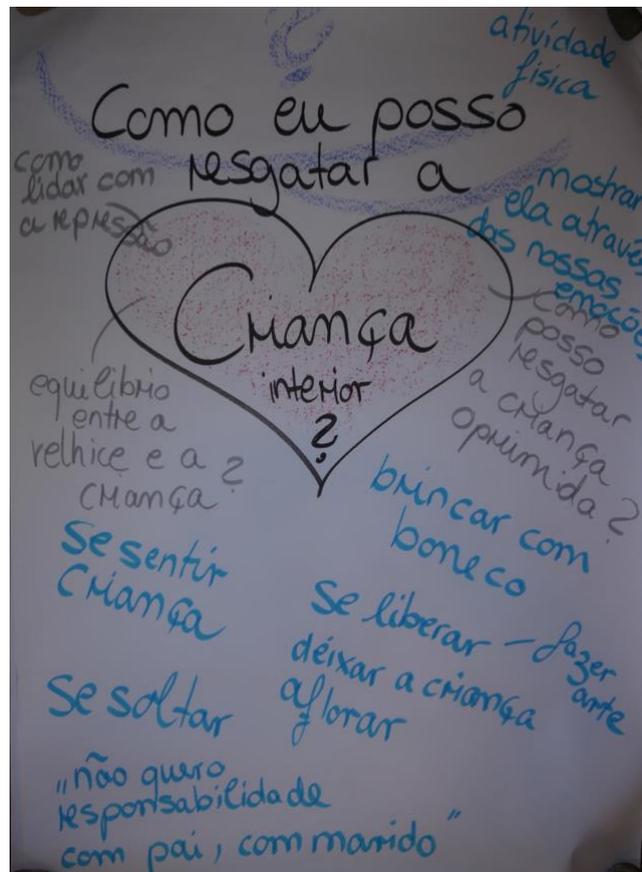
Nos preocupamos bastante com a necessidade das participantes de cuidar e exercitar o corpo. Na roda de “percussão corporal” elas mesmas foram convidadas a fazer movimentos. É importante destacar que muitos movimentos que surgiram foram protagonizados pelas próprias mulheres.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Cartaz I (Soluções em comuns)

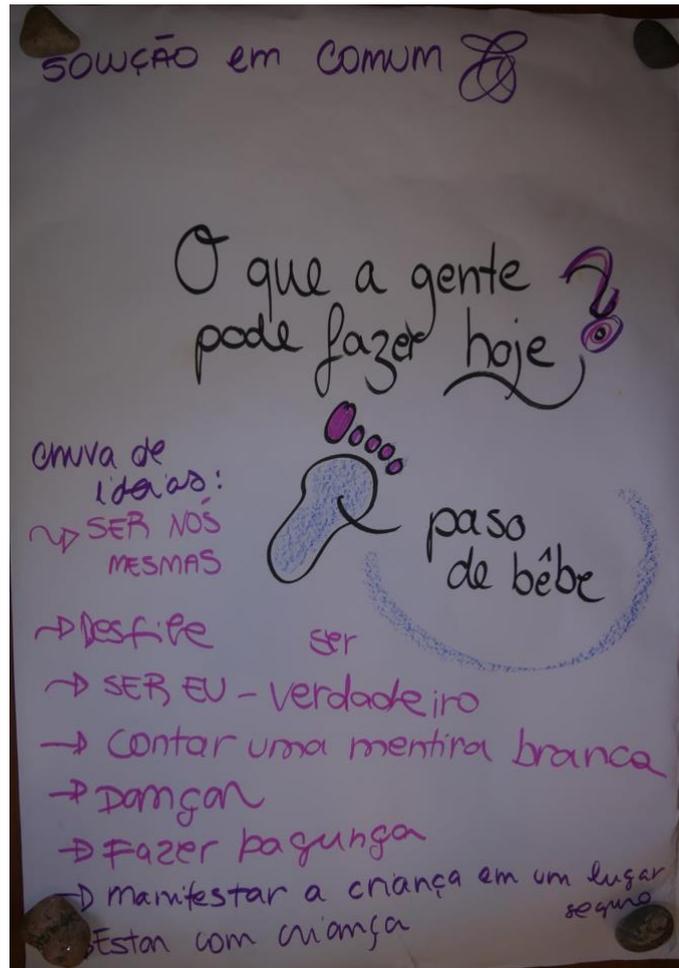
Nessa foto nós registramos as inquietações escolhidas por eles e as soluções que surgiram do grupo de uma forma mais geral.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Cartaz II (Soluções em comuns)

Registro das soluções possíveis para ser concretizadas no dia da imersão, que desembocou na festa maluca - um momento de celebração com desfile, com dança e liberdade.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Festa “maluca”

O “Celebrar do VemSer” – Realização do projeto em comum: Soltar a criança interna numa festa de fantasia com dança e música.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Almoço junto

Saímos da Casa de Convivência para almoçarmos juntas em um restaurante indicado por elas mesmas. Sentamos juntas e de forma descontraída contamos mais histórias, criamos mais laços e celebramos o percurso feito.



Fonte: Acervo próprio, 2017.

4.5.1 Planilha dos Encontros transformadores

ENCONTRO 1: DIA 30/10/2017		
PRÁTICAS	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
COM-TATO (Duração: 3h)	Boas-vindas, olhar nos olhos e apresentação do dia Focalizadoras realizam juntas com as participantes a transformação da sala dispondo as cadeiras em círculo ao redor do centro. Após a preparação da sala para o encontro, focalizadoras dão as boas-vindas ao grupo e convidam as pessoas a se reconhecerem olhando-se nos olhos e agradecem a presença de todas. Em seguida, apresentam brevemente a Pedagogia da Cooperação e o objetivo do encontro: “Quem somos e o que estamos fazendo? Como podemos contribuir com a vida de vocês?”	Deixar as participantes cientes da proposta do trabalho; A partir do círculo e do centro, trazer o sentido de <i>Comunidade</i> (na roda todos são vistos como iguais e existe algo que é comum a todos).
	Jogo do nome com bola <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogos Cooperativos</i> Focalizadora convida as participantes a encontrar uma palavra que lhe representa além do nome (p.e. Manuela – mar): “Pensar em um momento de felicidade e nomear em uma palavra e esta palavra, será seu sobrenome. Andar pela sala (música ao fundo - Você não sabe o quanto eu caminhei...) encontrar uma dupla, se apresentar compartilhando sua história, e o que significa a palavra escolhida. Voltar para o grande círculo. Jogar a bola para uma pessoa que será o próximo a compartilhar nome e sobrenome. Quem recebe a bola, fala seu nome e a palavra criada e joga a bola para a participante	Estabelecer contato com o grupo e entre as participantes de forma divertida e leve; memorizar os nomes Incentivar a coordenação e a atenção.
ALIANÇAS & PARCERIAS		

	<p>seguinte. Em uma segunda rodada passa-se a bola, falando só o “segundo” nome (ou seja, a palavra criada).</p>	
	<p>Roda de histórias:</p> <p>a) contar a história de um momento de felicidade b) contar a história de uma cicatriz</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>As focalizadoras convidam os participantes a compartilharem dois momentos diferentes da vida: 1. Encontrar um momento de felicidade que teve na vida, 2. Contar a história de uma cicatriz que você tem em seu corpo e algo que aprendeu a partir desta marca. Os participantes buscam no grupo um colega para partilhar as duas histórias. As focalizadoras também participam. Para finalizar o grupo se encontra no grande círculo e compartilha como foi a experiência de compartilhar e escutar.</p>	<p>Estabelecer contato com o grupo e entre os participantes de forma divertida e leve e também profunda.</p> <p>Conectar os participantes através da história da vida deles. Abrir o diálogo.</p> <p>Observar a capacidade de escuta, diálogo e abertura dos participantes.</p>
	<p>Bolsa do Alfabeto.</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo Colaborativo</i></p> <p>Cada participante examina sua própria bolsa e encontra objetos para formar o alfabeto com a letra inicial de cada item. O objetivo desta atividade é conseguir formar um círculo com os objetos em ordem alfabética ao redor de um círculo num determinado tempo. Em seguida as participantes compartilham o que viveram.</p> <p>O grupo precisa conversar para encontrar solução quando uma letra não é representada por nenhum objeto existente na sala e com as participantes.</p>	<p>Criar mais vínculo entre os participantes.</p> <p>Trazer um desafio que possa ser solucionado colaborativamente.</p>
	<p>Dança circular: Como uma onda</p>	

	<p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Dança Circular</i></p>	<p>Celebrar juntas. Terminar as atividades da manhã juntas; Trazer movimento, de forma alegre, através da dança. Incentivar a coordenação e a atenção através dos movimentos e da música;</p>
<p>Encerramento</p>		

ENCONTRO 2: DIA 06/11/2017		
PRÁTICAS	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
COM-TATO (Duração: 3h)	<p>Boas-vindas com Dança Circular: Como uma onda ou Alma?</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Dança Circular</i></p> <p>Focalizadores realizam juntos com os participantes a transformação da sala, formando com as cadeiras um círculo ao redor do centro. Focalizadores dão as boas-vindas ao grupo, Dança circular simples com música calma.</p>	<p>Apoiar a transformação entre a aula de ginástica e o trabalho da Pedagogia da Cooperação.</p> <p>A partir do círculo e do centro, trazer o sentido de <i>Comunidade</i> (na roda todos são vistos como iguais e existe algo que é comum a todos).</p>
	<p>Check-In com escaneamento do corpo (respiração, sentir o corpo e momento de silêncio antes e depois):</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Meditação guiada com Diálogo</i></p> <p>Um focalizador guia a meditação corporal e emocional no círculo e leva a atenção dos participantes para as sensações no corpo, para a respiração e para a observação dos pensamentos e emoções. Depois um momento de silêncio cada participante fala um em seguida do outro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1: seu nome • 2: como você esta hoje? (Seu corpo? Emocional? Seus pensamentos?) • 3: o que te deixa mais feliz na vida? <p>Colheita com facilitação gráfica. Os focalizadores</p>	<p>Estabelecer contato com o grupo e entre os participantes de forma divertida e leve; memorizar os nomes</p> <p>Criar um ambiente de reflexão e conexão consigo mesmo e a partir disso com o grupo.</p>

COM- TRATO	<p>preparam uma silhueta de um homem na flipchart e escrevem com 2 diferentes cores as palavras chaves como eles responderam na pergunta 2 e 3.</p>	
	<p>Momento de troca <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Os Focalizadores convidam o grupo para responder a seguinte questão: "Que cuidados precisamos ter para ficarmos bem nos nossos encontros?", neste momento, os focalizadores coletam os pedidos e anotam no <i>flipchart</i>, incluindo combinados e horários, e falar da importância do contrato. Reforça que é preciso confiar no processo e deixar fluir, fala sobre a confidencialidade, pedir ajuda e oferecer ajuda. Ao final, o focalizador pede para o grupo sugerir um movimento para firmar e celebrar o contrato.</p>	<p>Mostrar a importância dos combinados e como eles podem ser feitos; Trazer a consciência da responsabilidade que cada um tem de cuidar das suas necessidades; Lembrar que cada um é importante (quando uma célula resolve não fazer a sua parte, o corpo inteiro adoece).</p>
	<p>Imagens que contam histórias <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo e Jogos Cooperativos.</i></p> <p>Os focalizadores espalham imagens na sala que eles escolheram antes. As imagens foram escolhidas pelas focalizadores inspiradas numa seleção de temas que eles acharam como hipótese importantes na vida do grupo (veja anexo: palavras chaves).</p> <p>As focalizadores explicam as atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Atividade 1: escolher uma imagem que chama a sua atenção e que tem a ver com um tema que você gostaria de refletir e sobre algo que você deseja compartilhar mais. ● Atividade 2: escolhe uma palavra de como 	<p>Estabelecer contato com o grupo e entre os participantes de forma divertida leve e também profunda. Conectar os participantes através da historia da vida deles. Abrir o diálogo. Criar um espaço de escuta e de aprimorar o diálogo. Analisar que temas são comuns do grupo. Procurar saber quais</p>

	<p> você deseja vivenciar o processo da Pedagogia da Cooperação, que tipo de atividade precisa ter, para que você possa curtir nossos encontros. </p> <p> O grande grupo se divide em pequenos grupos de 3 ou 4 pessoas e nesses grupos formam um círculo, 1 facilitadora entra em cada grupo e orienta, cuida e apoia: </p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Na escuta! ○ Na troca! ○ No aprofundamento das conversas - com um olhar curioso e investigativo <p> Ao final do partilhar em pequenos grupos, os facilitadores incentivam o grupo a tentar encontrar um tema e/ou atividades em comum, e/ou uma frase que resume todos os desejos de temas e atividades do grupo (registrado pelo facilitador). </p> <p> Para encerrar essa etapa o grupo inteiro se encontra de novo no círculo num momento de troca. Cada grupo partilha os resultados, reflexões e insight dessa etapa. </p>	<p> as preferências e desejos destes processos e procedimentos o grupo tem. </p> <p> Trazer conhecimento sobre o que é a Pedagogia da Cooperação e que leque possibilidades com os processos e procedimentos ela pode oferece para ao grupo. </p>
	<p> Celebração: Desenho coletivo <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo cooperativo</i> </p> <p> Os focalizadores explicam que irão traduzir os desejos e preferências de temas e atividades em uma imagem. </p> <p> Os focalizadores colam 1 papel de flip na parede e disponibilizam canetas e cores e lápis. Cada pessoa escolhe uma cor só e desenha uma após a outra o que ela deseja e prefere e os outros membros do grupo apenas contemplam a imagem e acrescentam mais elementos sucessivamente. O </p>	<p> Praticar o desapego (na fase de refinamento das inquietações, aquilo que mais pulsa no grupo é o que fica); </p> <p> Selecionar quatro inquietações (duas dos pais e duas das crianças). </p> <p> Estimular a expressão artística sem se </p>

	<p>Processo acontece em silencio – só se comunica com olhos e corpo.</p> <p>No final se encerra essa etapa com uma verbalização dos participantes: O que você vê na imagem desenhada coletivamente?</p>	<p>preocupar com o resultado ou com reflexões verbais.</p> <p>Praticar o desapego (no processo que alguém acrescenta ou muda o desenha das pessoas anteriores).</p> <p>Terminar as atividades da manhã juntos e de forma lúdica, criar um espaço de integração</p>
	<p>Dança circular: musica do Edgar <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Dança Circular</i> Repetição da dança circular do início.</p>	<p>Terminar as atividades da manhã juntos;</p> <p>Trazer movimento, de forma alegre, através da dança.</p> <p>Estimular a memoria e a motricidade do grupo.</p>
Encerramento		

ENCONTRO 3: DIA 13/11/2017		
PRÁTICAS	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
<p>COM-TRATO e Inquietações (Duração: 3h)</p>	<p>Boas-vindas com Check-In no corpo: <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo colaborativo</i></p> <p>As participantes são convidadas a entrarem no círculo um depois do outro e simbolizar com gestos como ele está. Os outros participantes repetem o gesto.</p>	<p>Apoiar a transformação entre a aula de ginástica e o trabalho da Pedagogia da Cooperaçãoo.</p> <p>A partir do círculo e do centro, trazer o sentido de <i>Comunidade</i> (na roda todos são vistos como iguais e existe algo que é comum a todos).</p> <p>Estimular a memoria e a motricidade do grupo.</p>
	<p>Grito coletivo no início</p> <p>O focalizador propõe um círculo com o grupo e de mãos dadas começam falando Ah, baixinho, a intensidade e o volume vão aumentando até chegar em uma grande AAAAAAH. Junto com o grito, o grupo também se reúne na roda. ,</p>	<p>Liberar tensões, raivas e propor experiência de liberdade e união do grupo</p>
	<p>Criação do Contrato <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo.</i></p> <p>Em roda fomos dialogando de maneira muito simples os acordos que tínhamos no grupo que</p>	

	<p>estava se formando. Os acordos que fizemos foi:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dar o melhor para vir nas segundas - Acordo da raposa do silêncio - Cada um fala de uma vez. Em quando um fala os outros silenciam - Que tenha dança circular nos encontros - Que tenha liberdade de mudar os acordos - Que tenha 3 histórias pessoais no mínimo em cada encontro 	
<p>ALIANCAS & PARCERIAS</p>	<p>Inquietações: <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo.</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Usamos as imagens e temas para elas escolherem as coisas que mais são significativas para elas - Escolha pelo corpo: vai para onde inquieta mais. - Ficamos divididas em 3 grupo com os seguintes temas: Criança interior, Saúde e Família - Decidimos juntos em diálogo que o tema que mais inquietava todas era o da criança interior. <p>Focalizadores convidam as participantes a se conectarem com o tema “O resgate da criança interna” e convidam a buscarem as perguntas dentro desse tema. O que inquieta vocês nesse tema?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o equilíbrio entre a criança e o adulto interno? - Como tirar a vergonha do adulto para a criança se manifestar? - Quando reprimimos nossa criança perdemos a autenticidade? - Como recriar a história da nossa criança? - Como lidar com a repressão que nossas 	<p>Estimular os participantes a pensarem em forma de perguntas, sem se preocupar com respostas.</p> <p>Praticar o desapego (na fase de refinamento das inquietações, aquilo que mais pulsa no grupo é o que fica).</p> <p>Selecionar inquietações que mais pulsam no grupo.</p>

	<p>crianças sofreram?</p> <p>Fizemos também uma rodada de histórias em cima das inquietações. Algumas mulheres compartilharam como foi sua infância, a relação com sua mãe e pai. Muitas relataram que não puderam ser criança, pois os pais davam muitas obrigações de adultos, como arrumar a casa e cuidar dos irmãos, que isso foi incomodo, e hoje, na terceira idade, era uma fase onde essa criança pode de manifestar.</p>	
	<p>Dança circular: Música do Edgar <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Dança circular.</i></p>	<p>Terminar as atividades da manhã juntos; Trazer movimento, de forma alegre, através da dança. Estimular a memória e a motricidade do grupo.</p>
ENCERRAMENTO		

ENCONTRO 4: DIA 27/11/2017		
PRÁTICAS	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
Alianças e Parcerias (Duração: 3h)	<p>Check-In: cronograma do dia</p> <p>Momento de compartilhar:</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores convidam os participantes para contar algo sobre si mesmo, que nunca haviam revelado a ninguém, algo que eles normalmente não contam para outras pessoas. Os participantes realizam a partilha em duplas.</p> <p>Em seguida o grupo inteiro se encontra para uma roda de reflexão, de foi essa partilha íntima.</p>	<p>Fortalecer a confiança e a abertura no grupo.</p> <p>Estimular a partilha e a escuta.</p>
	<p>Recapitulando as inquietações</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores convidam as participantes a relembrem suas inquietações e abrir mais histórias de suas mulheres e suas crianças.</p>	<p>Criar conexão entre as mulheres e aprofundar nas inquietações.</p>
	<p>Guerreiros Nagô (Escravos de Jó)</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo cooperativo</i></p> <p>Focalizadores A atividade começa com as participantes sentadas em cadeiras no círculo ao redor de uma narrativa que o mundo vai acabar daqui a meia hora – tem só uma salvação: o grupo inteiro tem que aprender a musica do jogo e conforme a letra passar um objeto (um livro) com determinadas movimentações:</p> <p>Guerreiros Nagô jogavam caxangá (vai passando para o colega ao lado o livro); Tira (levanta o livro), bota (põe nas suas coxas o livro), deixa ficar (aponta</p>	<p>Incentivar a coordenação e a atenção através dos movimentos e da música;</p> <p>Estimular a brincadeira no grupo.</p> <p>Incentivar a coordenação e a atenção através dos movimentos e da música;</p> <p>Estimular a</p>

	<p>para o livro); Guerreiros com guerreiros fazem zigue (passa o livro para o colega ao lado), zigue (volta o livro para sua frente), zá (passa o livro para o colega).</p> <p>O objetivo é que ao final dos 30 minutos o grupo consegue fazer 3 rodadas com os livros sem nenhum erro da seguinte maneira: 1) cantar as letras da música, 2) só zumbir, 3) em silencio</p>	<p>brincadeira no grupo.</p> <p>Incentivar a coordenação e a atenção através dos movimentos e da música;</p> <p>Estimular a brincadeira no grupo.</p> <p>Estimular a reflexão e a co-criação de soluções para que o objetivo pode ser alcançado de forma cooperativo.</p> <p>Despertar a consciência da importância do cuidado e da inclusão de cada um.</p>
	<p>Informações e troca sobre o próximo encontro: imersão (material que deve ser levado, opiniões sobre o local de almoço) e Dança circular: música do Edgar</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo e Dança Circular</i></p>	<p>Terminar as atividades da manhã juntos;</p> <p>Trazer movimento e leveza, de forma alegre, através da dança.</p> <p>Estimular a memória e a motricidade do grupo.</p> <p>Organizar e cuidar de uma imersão inclusiva.</p>
ENCERRAMENTO		

ENCONTRO 5: DIA 04/12/2017(IMERSAO)		
PRÁTICAS	PROCESSOS E PROCEDIMENTOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
<p>Soluções em Comuns</p> <p>Projetos de Cooperação</p> <p>Celebrar o Vem-Ser (Duração: 8h)</p>	<p>Check-In com cronograma e informações sobre o do dia da imersão: <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores estimulam uma reflexão sobre o lugar de almoço e a questão financeira e encontrar soluções para que todas que querem podem participar.</p> <p>Roda de body-percussion <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo colaborativo</i></p> <p>Focalizadores convidam os participantes de trazer uma movimentação que o corpo precisa nesse momento. O sucessor sempre tem que repetir (junto com o grupo) a movimentação e barulho da(s) pessoa(s) anteriores.</p>	<p>A partir do círculo e do centro, trazer o sentido de <i>Comunidade</i> (na roda todos são vistos como iguais e existe algo que é comum a todos).</p> <p>Deixar os participantes cientes da proposta do dia;</p> <p>Trazer foco.</p> <p>Estimular o cuidado um com outro e a busca de soluções colaborativos.</p> <p>Estimular a memória e a motricidade do grupo.</p>
	<p>Linha do tempo <i>Metodologia Colaborativa utilizada: Jogo cooperativo</i></p> <p>Os focalizadores pré-montam uma linha do tempo na parede com as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quais foram as suas 2 maiores alegrias da vida? - Quais foram os seus 2 maiores sofrimentos da vida? - Um ponto de virada da sua vida? 	<p>Fazer uma síntese da nossa pergunta de pesquisa inicial e a pergunta que surgiu durante o processo do percurso.</p> <p>Incentivar a produção artística e estimular a criatividade.</p> <p>Satisfazer a</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - Que foi o seu maior aprendizado? - Como você quer ser lembrado? <p>As focalizadores explicam que cada um pode pegar os papéis, canetas e usar também as fotos que eles trouxeram para montar a sua própria linha do tempo.</p> <p>A montagem da linha do tempo acontece individualmente e em silêncio.</p>	<p>necessidade dos participantes de contar a história da vida deles e ser ouvidos (como uma parte das soluções em comuns)</p> <p>Refletir sobre as diferenças e o que o grupo tem em comum.</p> <p>Entender melhor de que eles sonham para preparar a etapa das soluções em comuns.</p>
	<p>Espaço de partilha: Apresentação da linha do tempo</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores guiam a apresentação e uma reflexão sobre o processo e os resultados da linha do tempo e coordenam a rodada de escuta. Sempre quando os outros participantes notam uma semelhança entre a linha do tempo apresentado e a linha deles, eles podem visualizar isso com um sinal da mão combinado antes.</p>	
	<p>a) rever as inquietações</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores convidam para rever as inquietações: “O resgate da criança interna”</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual é o equilíbrio entre a criança e o adulto 	

	<p>interno?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Como tirar a vergonha do adulto para a criança se manifesta? - Quando reprimimos nossa criança, perdemos a autenticidade? - Como resgatar a historia da nossa criança? - Como lidar com a repressão que nossas crianças sofreram? <p>Focalizadores nomeiam a hipótese deles, que atrás dessas inquietações tem uma inquietação principal: “COMO EU POSSO SER QUEM EU QUISER? COMO EU POSSO SER EU MESMA? COMO POSSO VIR A SER EU?” E perguntam os participantes o que eles acham sobre isso.</p> <p>b) Chuva de ideias para trazer soluções em comuns</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Focalizadores estimulam a reflexão com as seguintes perguntas: O que a gente pode fazer hoje de forma prática para contribuir numa solução para as inquietações? Com as condições e o material que a gente tem aqui hoje? Com o tempo que a gente tem hoje? Com nosso corpo? Com nossa voz? Que ação poderíamos fazer?</p> <p>As focalizadores anotam as ideias no flipchart e estimulam.</p> <p>c) encontrar uma solução em comum</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo e Chuva de ideias</i></p> <p>As focalizadores se preparam para diferentes cenários de soluções e guiam o diálogo com o</p>	
--	---	--

	<p>objetivo de escolher uma solução.</p> <p>Encontramos em comum o seguinte sonho: Soltar a criança interna numa festa de fantasia com dança, desfile e música e filmagem dessa criança.</p> <p>(Os focalizadores estavam preparados conforme as advertências que os participantes já revelaram durante o processo dos encontros e trouxeram a maquina de fotografia e gravação e malas com muitas fantasias e itens de enfeitar e músicas animadas para uma celebração.</p>	
	<p>Festa maluca</p> <p>Realizar o projeto em comum selecionado: Soltar a criança interna numa festa de fantasia com dança e música e filmagem dessa criança.</p>	
	<p>Momento de apreciação</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: Diálogo</i></p> <p>Em uma roda, abrimos o diálogo para compartilhar o percurso. Como foi para você? O que te transformou? O que você mais gostou? Quais foram seus insights?</p> <p>As participantes compartilharam seus insights com muita emoção em todo o grupo e sensação de missão cumprida.</p>	
	<p>Dança circular: Música do Edgar</p> <p><i>Metodologia Colaborativa utilizada: dança circular.</i></p>	<p>Terminar o encontro todos juntos;</p> <p>Trazer movimento através da dança;</p> <p>Encerrar o trabalho, celebrando o VemSer.</p>
	<p>Almoço Juntas</p>	<p>Criar mais vínculo e celebrar o percurso</p>

	<p>Sáimos da Casa de Convivência para almoçarmos juntas em um restaurante indicado por elas mesmas. Sentamos juntas e de forma descontraída contamos mais histórias, criamos mais laços e celebramos o percurso feito.</p>	<p>que trilhamos juntas</p>
ENCERRAMENTO		

5. Análise dos encontros transformadores

Sobre a avaliação de transformação, análise e resultados esperados para os encontros com as mulheres da terceira idade, mesmo com objetivos não quantitativos, encontramos e mapeamos alguns resultados.

Buscamos como auxiliar de avaliação o conceito FIB (Felicidade Interna Bruta) criado pelo Butão, um país do sul da Ásia. O FIB não trata somente de mensurar os aspectos quantitativos, mas também os qualitativos de uma população. É uma integração dos desenvolvimentos material, espiritual e cultural dos indivíduos.

Assim, ela se baseia em nove variáveis: bem-estar psicológico, saúde, uso do tempo, vitalidade comunitária, educação, cultura, meio ambiente, governança e, por último, padrão de vida.

Sobre o indicador de vitalidade comunitária, foi registrado o aumento do índice de amizade entre as mulheres do grupo, ditas por elas mesmas ao final do último encontro que na Casa de Convivência, onde realizamos os encontros, elas vão para fazer as atividades, como dança e oficinas, porém não fortalecem as relações entre si. A aplicação das sete práticas da Pedagogia da Cooperação criou vínculos mais fortes entre elas.

Em relação ao indicador de bem-estar psicológico e padrão de vida, identificamos que todas citaram como resultado o aumento da felicidade, elas saíram dos encontros mais felizes do que quando chegaram, disseram também que houve aumento do prazer de estar viva e serem escutadas por jovens de outras gerações as fez ver que suas histórias e experiências são importantes gerando também aumento da autoestima e empatia entre gerações.

O indicador de saúde também permeou nossos resultados, identificamos que apoiamos na flexibilidade do corpo físico e desenvolvimento cognitivo, os jogos e dinâmicas realizados gerou mais saúde física e mental para as participantes.

Geramos também um projeto coletivo juntos, que foi um dia em que criamos um ambiente seguro para as mulheres manifestarem o sonho coletivo delas, que foi entrar em contato com a liberdade e a criança interior. Dançamos, desfilamos, brincamos, tiramos fotos e nos fantasiamos. Quando as mulheres levantaram o tema

de se reencontrar com a criança interior, nos inspiramos em Eric Berne (2000), psiquiatra canadense, criador da Análise Transacional, sobre esse tema ele dizia:

“Os pais deliberada ou inconscientemente ensinam a seus filhos desde o nascimento como se comportar, pensar, sentir e perceber. Libertar-se destas influências não é algo fácil. Grande parte do que é ensinado na família tem caráter opressivo. Estes ensinamentos impostos às crianças é que eu denomino de treinamento básico de vida, que inclui um ataque sistemático, uma castração dos três potenciais humanos primários: intimidade, consciência e espontaneidade”.

Logo, identificamos que houve aumento significativo da intimidade com elas mesmas, mais consciência sobre si e espontaneidade para ser quem realmente são, sem ter medo de expressar suas vontades, desejos e expressões.

Nós, enquanto facilitadoras e pesquisadoras da abordagem da Pedagogia da Cooperação, junto com o grupo de mulheres atingimos os resultados esperados no início do percurso e nos surpreendemos com a simplicidade com que os encontros aconteceram, por serem idosas aplicamos as 7 práticas num tempo “outro”. Fizemos um esforço de não qualificar o tempo como lento ou melhor do que o nosso de outra geração.

5.1 Relação das pesquisadoras na aplicação das 7 práticas

Costumamos dizer que somos as filhas não planejadas. Afinal nos formamos como um grupo de pesquisadoras- facilitadoras ao longo do processo, pois a maioria de nós faltou ao módulo onde cada pessoa encontrou seu grupo de pesquisa de acordo com seus propósitos e desejos. Mesmo sabendo que iria ser desafiador, aceitamos ficar juntas. Foi uma boa jornada para nos alinharmos e realmente encontrarmos a motivação para realizar essa pesquisa, não só porque tínhamos que fazer para nos formar e sim porque queríamos estar juntas nesse percurso.

O tema que mais vibrava em cada uma de nós era o SER MULHER, afinal todas somos mulheres com histórias muito diferentes. Aos poucos, nossos encontros de planejamento foram regados de feminilidade, dança, espumante,

conversas profundas, conselhos, afeto e amor. O que nos uniu foram temas vivenciados por mulheres. Após essa liga que surgiu dessas conversas, estivemos prontas para pesquisar com as mulheres da terceira idade e o que nos impulsionava era o mundo feminino;

No percurso, encontramos com a falta de tempo devido as agendas profissionais distintas. Esse foi um grande desafio do grupo, pois todas trabalham muito e são envolvidas em outros projetos. Isso nos fazia simplificar os processos e nunca esquecer o que nos nutria, o que nos fazia estar juntas.

Aos poucos fomos potencializando as nossas diferenças e transformando-as em tesouros. A diversidade de pensamentos e experiências das pesquisadoras fez o trabalho ficar mais rico, nos abrimos para convivermos e criarmos juntas. Este movimento fez com que todas aprenderem algo que não sabia. Saímos mais sábias do que entramos nessa pesquisa. Parte dessa sabedoria veio de nós mesmas e nas trocas que tínhamos nas reuniões.

Por fim podemos dizer que a pesquisa nos surpreendeu e acompanhou nosso tempo e demanda, mas nesse processo tivemos que reconhecer a gestão do tempo e de priorizar tarefas e compromissos que tínhamos. Ainda em tempo, compreendemos um dos principais ensinamentos da sua orientadora de que precisaríamos fazer algum sacrifício para estarmos inteiras com o grupo. Com essa clareza, conseguimos ultrapassar nosso principal desafio com leveza, companheirismo, alinhamento e alegria contornamos a falta de tempo.

6. Considerações finais

O meu objetivo neste trabalho foi verificar como a Pedagogia da Cooperação pode contribuir para as necessidades de um grupo específico de pessoas. Tenho bastante experiência como professora do ensino fundamental de escola pública e como facilitadora de treinamentos de professores, mas nunca realizei uma aplicação com a estruturação da Pedagogia da Cooperação. Sendo assim, posso dizer que com esse trabalho pude experienciar-me enquanto facilitadora das 7 práticas. Em outras palavras, decidi fazer essa pós-graduação para ampliar as minhas capacidades profissionais e para encontrar novos campos e possibilidades de atuação profissional fora do contexto escolar.

Iniciei esta pesquisa também querendo trocar, aprender e me fortalecer ainda mais como mulher no encontro com mulheres. O que significa ser mulher nesse mundo e como podemos nos apoiar nessa busca e nos desafios de ser mulher. Esse é um tema que me acompanha desde muito tempo, pois também facilito grupos de mulheres. Foi uma surpresa trabalhar com mulheres da terceira idade, provavelmente porque essa faixa etária não faz muito parte do meu cotidiano: minha própria mãe ainda não chegou na terceira idade e as minhas avós moram na Alemanha longe de mim nesse momento. Elas ainda vivem a vida delas de forma bastante independente e o conceito da terceira idade que eu tinha na minha cabeça nem se aplicou a elas:

Eu percebi que minhas ideias estereotipadas sobre idade e envelhecimento foram principalmente alimentadas por minhas próprias experiências com idosos e imagens de muitas áreas da vida pública; por exemplo, das belas artes, literatura, mídia, publicidade ou em discursos políticos. Na pesquisa psicológica, o termo "estereótipo" é usado para descrever ideias culturalmente compartilhadas que supostamente caracterizam membros de um grupo social específico. (FILIPP, MAYER, 1999)

O encontro com os idosos e os efeitos que se apresentaram no processo para mim, me mostraram que eu, com certo automatismo, conectei a "velhice" à certas características (por exemplo, "esquecido", "fora de moda", "insatisfeito", "especialmente sábio", "sem sexualidade ativa"), e atribui isso a uma pessoa exclusivamente com base em sua idade - ignorando suas peculiaridades individuais.

Nossos idosos e inúmeros momentos com eles foram mestres para mim. A H., que se veste mais colorido e extravagante do que Frida Kahlo, a N. que joga e sempre jogou com bonecas. A T. que gosta de falar dos amantes, etc. Além disso, inúmeros discursos transmitiram um alto grau de satisfação dos participantes, independência e alegria para a vida.

A experiência direta em nosso “mini cosmos” com o grupo abriu meus olhos. Nenhuma faixa etária tem diferenças tão grandes em características físicas e psicológicas entre seus membros individuais ao longo do curso de vida como o grupo dos “velhos”.

Há uma série de mudanças que caracterizam o processo de envelhecimento de todas as pessoas, mas estas variam muito entre indivíduos e dentro de áreas individuais.

Logo reparei que eu tinha pouca convivência com idosos e carreguei preconceitos e estereótipos sobre essa faixa etária comigo e quis me abrir para uma desconstrução através da prática. Desde o início então a possibilidade de trabalhar com esse grupo brilhou os olhos.

Entendi que a aplicação das 7 práticas oferece um potencial imenso para meu desenvolvimento como facilitadora e como mulher. Confesso que no início achei que íamos apoiar o grupo e iniciar processos que trazem benefícios para eles como grupo – Ao final eu cheguei a conclusão que tivemos aprendizados que extrapolaram os objetivos iniciais apresentados acima. Percebi também que minha motivação na aplicação estava bem parecida como a que tenho para realizar meu trabalho como professora do ensino fundamental.

No prazer de trabalhar com pessoas e de encontra-las e de aprender, onde os meus mais belos momentos de aprendizados foram extraídos de experiências simples e na convivência com outras pessoas. Além disso, reparei que, diferente do ensino na escola, facilitar processos em contextos não-escolares possibilita abrir mais espaços em que as pessoas transponham as suas dificuldades e reflexões, através de uma educação que estimule a autorreflexão e o compartilhamento.

Ao realizar a Pós-Graduação de Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas descobri novas formas de aprender e ensinar que me fizeram repensar muito o ensino na escola. Senti uma motivação grande em voltar para o ensino na escola, incluindo meus novos aprendizados e novas metodologias. Para mim, é um estilo de vida e de aprendizagem transformador que no papel de

facilitador encontrei uma profissão que condiz com meus valores, minha espiritualidade e propósito, tendo como base uma educação dialógica e libertadora. A Pedagogia da Cooperação, assim como as Metodologias Colaborativas estimulam o autoconhecimento e o autodesenvolvimento, contemplando as múltiplas inteligências e aprendizados que englobam o ser humano em sua totalidade (intelectual, físico, emocional e o espiritual ou transcendente). Além de cultivar a presença, o espírito de grupo e comunidade, abertura para o novo e para compartilhar, o que traz pertencimento.

Quero ressaltar também o desafio que é aplicar um trabalho de conclusão de curso de forma coletiva. No caso desse trabalho com Ana Laura Macedo, Marilucia do Espírito Santo e Marcia Valentim. O fato é que, como grupo de facilitadores, já temos três padrões diferentes de pensamento, provenientes de diferentes campos profissionais, de diferentes realidades socioeconômicas. Se alinhar, além de fatores como falta de tempo ou locomoção na cidade, foi um grande desafio! As aprendizagens nos 18 módulos da pós-graduação foram uma base fundamental para lidar com esse desafio e além disso para aproveitar e contribuir para nosso autoconhecimento coletivo e individual.

A construção coletiva de montar o projeto da monografia e a aplicação nos encontros com o grupo da terceira idade fortaleceu, mesmo sendo um trabalho com sacrifícios de cada um, o exercício de reconhecimento do outro e suas as diferenças.

Durante os “Encontros Transformadores” eu nem mais reconhecia, quem são realmente os “participantes” e os “facilitadores”, quem era desafiado ou quem desafiava. Os estudantes da Pedagogia da Cooperação ou o grupo de idosos? Finalmente, a Pedagogia da Cooperação também se mostrou aqui como uma espécie de “cola” inclusiva. Em última análise, os papéis, talentos, limitações e as características particulares de todos os participantes se influenciaram, potencializaram, complementaram e se transformaram na experiência colaborativa. Experimentei ao longo do processo o poder da confiança (junto com compromisso através da força do amor) como chave na complexidade da convivência, entendendo cada vez melhor, que “...confiança é algo a ser construído e permanentemente nutrido. Confiar é estabelecer um pacto de cumplicidade e de uma certa maneira, entregar o destino da própria vida nas mãos uns dos outros.” (BROTTO, 2016)

No meu primeiro contato com um grupo de mulheres da terceira idade tive um aprendizado que me marcou: foram as pérolas de sabedoria – em forma verbal ou mostrado como atitude perante a vida – emergindo de uma experiência de vida profunda junto com muita força vital, auto aceitação. Leveza e sorriso até nos momentos de partilha sobre a própria morte e outros momentos muito dolorosos de suas vidas. A vida deixa marcas, mas o tempo e as próprias escolhas definem se as pessoas sofrem a vida inteira ou crescem. Um dos estereótipos que eu desconstruí sobre as pessoas da terceira idade na convivência é de que podemos ser tocadas pela vida, sem magoar e se fechar –. Outro aprendizado que eu tirei para mim na observação dos nossos participantes: ser feliz é uma escolha, ter uma vida mais vital e mais alegre dentro dos desafios da velhice, que não podemos negar, é um trabalho, significa literalmente mexer o corpo e é também um ato de vontade.

Fiquei me questionando se em nossa sociedade essa sabedoria inexplicável de pessoas que viveram várias décadas de vida tem espaço. Como tratamos os nossos idosos? Como podemos conviver mais com pessoas da terceira idade de forma horizontal e não vertical, entendendo que não são só eles que precisam da ajuda da geração mais jovens – somos também nós que precisamos deles. Uma sociedade saudável inclui os seus idosos. Reflexões que com certeza vão reverberar e ter consequências na minha própria convivência com os idosos da minha família e nas escolhas de vida que vou fazer daqui para a frente. Porque ao final das contas, todas essas reflexões falam também de mim. Como eu quero envelhecer? Como eu quero viver a minha terceira idade?

A escuta de suas histórias delas foi essencial, bem como da observação de suas expressões do corpo. Entendi que os temas que colocaram e escolhas que fizeram eram parecidas com as minhas hoje. Principalmente em relação à maternidade e a moradia (Onde? Sozinha? Com parceiro?). Meu sonho de morar numa casa ou numa vila coletiva com diversas gerações, composto de famílias e familiares de escolha, com crianças, adultos e idosos, só aumentou.

Um indicador que a Pedagogia da Cooperação tem impacto na vida das pessoas se transparece no momento que uma participante se abriu e falou que ela odiou a própria mãe, em seguida outras participantes revelaram colocações parecidas. Essa abertura e confiança de poder falar a partir da “essência”, expressa a potência da Pedagogia da Cooperação. Momentos de grande sinceridade me deram o insight que existe a possibilidade de ser quem se é em qualquer idade.

Para maior fundamentação deste trabalho, seria relevante acompanhar por mais tempo a influência da Pedagogia da Cooperação na relação e atuação dos participantes. Assim como realizar mais estudos de casos e verificar se a aplicação em outros grupos e faixa etárias trariam resultados semelhantes.

Enfim, com esta pós-graduação e este trabalho de conclusão de curso, eu senti que contribui para mudar o mundo, e onde começa a mudança no mundo se não por nós mesmos?

Finalizo vislumbrando a Pedagogia da Cooperação em parceria com metodologias colaborativas como ferramentas que podem revelar caminhos para o futuro da educação, construindo ambientes mais colaborativos assim como relações de proximidade entre qualquer conjunto de pessoas: idosos (as), adultos (as), alunos (as), familiares, educadores (as) e colaboradores (as), desenvolver competências e técnicas pessoais e colaborativas e além disso ter um olhar cuidadoso para formar pessoas com todas suas potencialidades humanas – em qualquer idade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência**. 4. Ed. São Paulo: Palas Athena, 2013.

EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro**. Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2007.

DEBERT, G.G.A. **Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Edusp/Fapesb, 2004.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução João Paulo Monteiro. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. PDF.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MIRANDA, Orlando de (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

ORLICK, Terry. **Vencendo a Competição**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1989.

PALÁCIOS, Annamaria da Rocha Jatobá. **Velhice Palavra Quase Proibida; Terceira Idade, Expressão Quase Hegemônica**. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpos Mutantes: Ensaio sobre Novas (D) eficiências Corporais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SIGRUN-HEIDE, Filipp, MAYER, MAYER, Anne-Kathrin. In: **Bilder des Alters. Altersstereotype und die Beziehungen zwischen den Generationen**, Stuttgart: Kohlhammer, 1999.

Músicas (letras)

DU SOLEIL, Cirque. **Kumbalawe**. Disponível em: < <https://genius.com/Cirque-du-soleil-kumbalawe-lyrics>>. Acesso em: 20 de jul. 2017.

VILELA, Ana. **Trem Bala**. Disponível em: <<https://m.lettras.mus.br/ana-vilela/trem-bala/>>. Acesso em: 20 de jul. 2017.

SANTOS, Lulu. **Como uma onda no mar**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/lulu-santos> > Acesso em:

DUNCAN, Zélia. **Alma**. Disponível em: < <https://www.vagalume.com.br/zelia-duncan/alma.html> > Acesso em: 11 de abril de 2018.

Textos

BROTTO, Fábio Otuzi. **A Pedagogia da Cooperação**: para um mundo onde todos podem VenSer. Pós-graduação em “Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas – UNIP”. v.4.4. São Paulo, 2016. No prelo.